

OPERAÇÃO MARTE

Por Reinaldo V. Theodoro



Soldados soviéticos desembarcam de um KV-1. Os soviéticos nunca se preocuparam em dotar a sua infantaria com um transporte blindado e só passaram a contar com isso quando começaram a receber equipamento dos aliados ocidentais através do Lend-Lease.

Em fins de 1942, o Exército Vermelho lançou uma gigantesca ofensiva contra os invasores alemães. No entanto, a despeito de sua enorme superioridade de meios, os soviéticos não lograram obter ganhos significativos e a batalha, iniciada com grandes expectativas, terminou numa atroz derrota, com baixas extremamente pesadas. O arquiteto desse desastre não era outro senão o militar russo mais condecorado da Grande Guerra Patriótica: o Marechal da União Soviética Georgi Konstantinovich Zhukov.

Evidentemente, não estamos falando da emblemática ofensiva de Stalingrado, a grande vitória que marcaria o ponto de virada da 2ª Guerra Mundial. Seis dias após o início dessa ofensiva, outro ataque maciço foi lançado em outro ponto da frente, no então chamado saliente de Rzhev. Mais de 700.000 homens e 1.700 tanques foram empenhados na sua destruição, mas tudo o que conseguiram foram ganhos insignificantes e baixas assombrosas, incluindo mais de 90% dos blindados. Tamanho fracasso certamente teria custado as cabeças de seus responsáveis, mas o espetacular sucesso da ofensiva no Don fez com que essa batalha fosse rapidamente jogada para debaixo do tapete da História e atualmente é quase desconhecida, mesmo na Rússia.

PRELÚDIO

Em fins de setembro de 1942, a liderança soviética estava diante da necessidade de tomar sérias decisões estratégicas. Os alemães haviam varrido o sul do país e invadido o Cáucaso, além de estar lutando tenazmente pela cidade de Stalingrado. Nas outras frentes, a situação era mais tranquila, mas a necessidade de expulsar o invasor do seu território fazia com que houvesse a necessidade de pensar sempre em termos ofensivos. Os dezoito meses de campanha até então, quase sempre com desastrosas derrotas, tinham que ser convertidos em lições para as operações futuras.

A contraofensiva do inverno precedente diante de Moscou havia feito os alemães recuarem em polvorosa e, como resultado, a linha que emergiu na primavera era tremendamente irregular, sobressaindo-se um saliente de cerca de 150 quilômetros de frente e de profundidade, ameaçadoramente próximo a Moscou. Era uma protuberância no mapa que chamava a atenção e extirpá-la seria uma importante vitória estratégica, num momento em que boa parte do mundo duvidava da capacidade da União Soviética sobreviver por muito tempo.

OS DEFENSORES

O Grupo de Exércitos Centro, do *Generalfeldmarschall* (Marechal de Campo) Günther Adolf Ferdinand "Hans" von Kluge, era responsável pela região em que se daria a batalha. Ele contava com 72 divisões (das 266 em todo o front oriental), contando 1.680.000 homens e cerca de 3.500 tanques (2/3 de toda a frente oriental). Dentro do saliente de Rzhev estava o 9º Exército alemão, do *Generaloberst* (Coronel-General) Walter Otto Moritz Model. O 9º Exército compunha-se de cinco corpos, postados, da esquerda para a direita, na seguinte sequência: 6º, 41º Panzer, 23º, 27º e 39º Panzer. Destes, o 6º estava fora do saliente e virtualmente não participou da batalha. O 41º Corpo Panzer, apesar do nome, contava apenas com três divisões de infantaria (86ª, 246ª e 2ª da Luftwaffe¹). À sua direita ficava o 23º Corpo, formado por três divisões de infantaria (110ª, 206ª e 253ª). Mais a leste, na área de Rzhev, estava o 27º Corpo, formado por sete divisões de infantaria (6ª, 72ª, 87ª, 95ª, 129ª, 251ª e 256ª). Na extremidade direita do Exército estava o 39º Corpo Panzer, formado por três divisões de infantaria (78ª, 102ª e 337ª) e elementos de uma Divisão Panzer (5ª).

Quase todas essas divisões eram veteranas do front russo que haviam sobrevivido a duras penas à contraofensiva soviética do inverno precedente. As únicas exceções eram a 2ª Divisão da Luftwaffe, que havia sido formada em setembro de 1942 contando apenas com quatro batalhões de infantaria, e a 337ª Divisão, que era novinha em folha, recém-chegada da França.

A porção sudeste do saliente era mantida pelo 3º Exército Panzer, do *Generaloberst* Georg-Hans Reinhardt. De norte a sul, estavam postados os Corpos 46º Panzer, 9º e 20º. Como a Operação Júpiter acabou não se realizando, essas unidades praticamente não participaram da batalha.

Na região do saliente de Rzhev havia ainda importantes reservas na retaguarda imediata do front. O 9º Exército contava com a 1ª Divisão Panzer e a 14ª Divisão de Infantaria Motorizada. As reservas do Grupo de Exércitos estavam postadas ao sul do saliente e incluíam as 12ª, 19ª e 20ª Divisões Panzer. Já o Alto Comando do Exército (OKH²) tinha em reserva a 9ª Divisão Panzer e a Divisão de Infantaria Motorizada de elite

¹ Originalmente, as divisões de infantaria da Luftwaffe deveriam ser usadas para guarnecer setores calmos do front, liberando as unidades do Exército para setores mais disputados. Porém, à medida que a situação ia se tornando cada vez mais crítica, essas divisões acabaram sendo empenhadas em missões para as quais não estavam preparadas.

² *Oberkommando des Heeres*.

Grossdeutschland.

Haviam sido erigidas fortes defesas na linha de contato e foram fortificadas todas as localidades na sua periferia, incluindo as cidades de Rzhev, Belyi e Sychevka. Além disso, os alemães fortificaram também as margens dos rios.



Günther von Kluge (30/10/1882 – 19/08/1944). Ele se envolveu no complô para assassinar Hitler e suicidou-se após o seu fracasso.

A chave para o controle do saliente estava nas estradas. Espessas florestas e pântanos dominavam as partes ocidental e central da região, embora os alemães tivessem limpado e retirado as árvores nas principais estradas e ferrovias que atravessavam o saliente de norte a sul e leste-oeste. Também foram limpas áreas de tiro e para a manobra de reservas. Além disso, pelo final de outubro, o clima frio permitiria que a lama das estradas endurecesse e pequenos cursos de água congelassem, facilitando a movimentação.

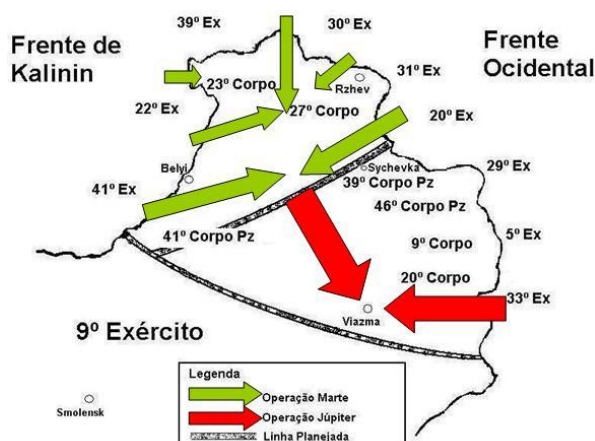
O PLANEJAMENTO DAS OFENSIVAS DE 1942

O Stavka havia disponibilizado forças suficientes para a montagem de duas grandes ofensivas, sendo uma no centro da frente e outra no sul. Embora as possibilidades diante do flanco estendido alemão no sul – guarnecido em boa parte por tropas romenas, húngaras e italianas – fossem evidentes, a situação no centro não permitia que os moscovitas dormissem tranquilos e era necessário repelir os alemães para mais longe. Zhukov advogava pelo ataque no centro, enfatizando a esmagadora superioridade que eles possuíam no que ele então acreditava ser o setor

decisivo da guerra. O sucesso limitado da ofensiva na região, realizada em julho-agosto precedente, estimulou Zhukov a pensar que uma ofensiva maior e mais bem planejada poderia ter resultados mais decisivos.

Na noite de 26/09/42, Stalin deu o sinal verde para ambas as ofensivas. Zhukov assumiria o comando da ofensiva no centro, enquanto o General Aleksandr Mikhaylovich Vasilevsky ficaria responsável pelo sul. Quatro operações foram então planejadas, todas com nomes de planetas: Marte, Júpiter³, Urano e Saturno.

No centro, a Operação Marte se destinava a cercar e destruir o saliente de Rzhev, enquanto a Operação Júpiter, que deveria ser desencadeada duas ou três semanas depois, atacaria no eixo de Viazma, unindo-se às forças vitoriosas da Operação Marte, cercando e destruindo todas as forças alemãs a leste de Smolensk.



Planejamento das operações Marte e Júpiter

No sul, a Operação Urano seria desencadeada em meados de novembro e se destinava a cercar e destruir as forças inimigas concentradas em Stalingrado; finalmente, a Operação Saturno, prevista para o início de dezembro, seria uma ofensiva visando Rostov, encurralando todas as forças inimigas no Cáucaso.

A 28-29/09/42, o Stavka distribuiu a diretiva para a Operação Marte às Frentes de Kalinin (Coronel-General Maksim Alekseevich Purkaev) e Ocidental (Coronel-General Ivan Stepanovich Konev) e os exércitos que participariam receberam suas instruções a 01/10/42. Embora a ofensiva estivesse prevista para começar a 28/10/42, o tempo chuvoso forçou o seu adiamento para 25/11/42.

O Stavka transmitiu uma diretiva revisada à Frente Ocidental a 10/10/42 com os seguintes objetivos: "As forças da ala direita da Frente Ocidental e da ala esquerda da Frente de Kalinin deveriam

cercar o grupamento inimigo em Rzhev, capturar Rzhev e desobstruir a linha ferroviária de Moscou a Velikiye Luki". A diretiva determinava que os 20º e 31º Exércitos da Frente Ocidental, com o apoio do 29º Exército, fariam o ataque principal contra as defesas alemãs ao longo dos rios Osuga e Vazusa, ao norte de Sychevka. Uma vez que esses exércitos tivessem penetrado a linha alemã, um Grupo Móvel, composto do 6º Corpo de Tanques e do 2º Corpo de Cavalaria de Guardas, deveria explorar a ruptura, capturar Sychevka e ligar-se ao 41º Exército vindo da região de Belyi. Os 20º e 31º Exércitos deveriam então se preparar para atacar para o sul na direção de Viazma, junto com os 5º e 6º Corpos de Tanques.

Na Frente de Kalinin, o 41º Exército teria a incumbência do esforço principal ao sul de Belyi. Uma formação de elite, o 6º Corpo de Fuzileiros Voluntários "Stalin", seria a sua ponta-de-lança. Uma vez que as defesas alemãs tivessem sido rompidas, os 1º e 2º Corpos Mecanizados iriam explorar para o leste e fazer contato com o 20º Exército a oeste de Sychevka. Ao norte de Belyi, o 22º Exército, tendo o 3º Corpo Mecanizado à frente, avançaria para o leste subindo o vale do rio Luchesa e auxiliaria na conquista de Belyi, cercando as forças alemãs em Olenino, em conjunção com o 39º Exército. Este, na extremidade norte do saliente de Rzhev, lançaria um ataque secundário para o sul através do rio Molodoi Tud em direção a Olenino. Após os primeiros ataques terem sido bem sucedidos, outros exércitos soviéticos seriam empenhados contra o saliente de Rzhev, destruindo as forças alemãs cercadas e depois se reagrupariam para participar da Operação Júpiter.

Para a "Júpiter", a Frente Ocidental empenharia os 5º e 33º Exércitos, desdobrados a cavaleiro da estrada Moscou-Viazma, num ataque para penetrar as defesas alemãs a leste de Viazma. Os 9º e 10º Corpos de Tanques, seguidos pelo 3º Exército de Tanques de Guardas, iriam avançar impetuosamente para capturar Viazma, fazer contato com as forças da Frente de Kalinin e, se possível, continuar o ataque na direção de Smolensk.

O Stavka providenciou uma extraordinariamente grande concentração de meios para a Operação Marte. Os efetivos das Frentes Ocidental e de Kalinin, somadas às da Zona de Defesa de Moscou, totalizavam 1.890.000 homens (31,4% do potencial humano de todo o Exército Vermelho), 3.375 tanques⁴ (45,9%) e mais de 24.000 canhões e morteiros (32%). O 1º Exército Aéreo (Frente Ocidental) e o 3º Exército Aéreo (Frente de Kalinin) contavam com 1.100 aviões. Tudo isso estava concentrado em apenas 17% de toda

³ De fato, este nome nunca foi confirmado.

⁴ Destes, entre 30% e 40% eram leves (T-60 e T-70).

a frente oriental.

Zhukov contaria, apenas para a primeira fase da operação, com 2.352 blindados (distribuídos em 31 brigadas e 12 regimentos) e quase 10.000 canhões e morteiros (em 54 regimentos de artilharia, 30 batalhões de morteiros e 23 regimentos antitanques). Havia ainda 20 batalhões de Engenharia.

O longo atraso no início da operação deu a Zhukov e seus subordinados tempo mais do que suficiente para se preparar para tão ambiciosa operação. Para assegurar o segredo, as tropas foram avisadas do ataque somente dias antes do seu início.



Georgi K. Zhukov (01/12/1896-18/06/1974), o “Carniceiro da Vitória”. Ao contrário do que seria de se esperar, o desastre de Rzhev não maculou a sua reputação militar.

O plano para a Operação Marte (também chamada de Segunda ofensiva Rzhev-Sychevka) tem todas as características típicas de uma ofensiva no estilo Zhukov: para maximizar a pressão sobre os alemães, suas forças atacariam simultaneamente em todos os setores. Lançando seus principais ataques de leste e de oeste contra a base do saliente de Rzhev, Zhukov pretendia envolver as forças alemãs no saliente com ataques frontais, sem ter que conduzir complexas manobras com suas forças móveis através de terreno difícil e em condições de tempo ruins. Para obter um rápido sucesso, Zhukov ordenou aos seus comandantes que concentrassem suas forças e empenhassem na batalha seus blindados o mais cedo possível. Fazendo isso, ele tinha esperança de que seus tanques iriam interromper as linhas de comunicação alemãs e as principais estradas e ferrovias ao longo dos flancos do saliente de Rzhev. Em fins de novembro, o tempo frio há muito esperado afinal chegou e as margens dos rios, córregos e pântanos congelaram, permitindo o início das operações. No entanto, as condições

climáticas se tornariam um fator negativo, uma vez que as constantes nevascas prejudicaram muito as operações móveis, impediam a observação de artilharia e mantinham no solo os aviões de apoio de ambos os lados.

ASSALTO – FRENTE OCIDENTAL

A ofensiva teve início a 25/11/42. Os ataques ocorreram simultaneamente a leste, a oeste e ao norte do saliente de Rzhev. Precedida por uma potente preparação de artilharia, a infantaria e os tanques dos 20º e 31º Exércitos atingiram em cheio uma frente de cerca de 40 quilômetros ao longo e ao norte dos rios Vazusa e Osuga, a nordeste da vital ferrovia para Sychevka. Embora os alemães estivessem já esperando por um ataque soviético, o assalto pegou os defensores em um momento vulnerável, pois a 78ª Divisão de Infantaria estava na ocasião substituindo elementos da 5ª Divisão Panzer ao longo do rio Vazusa. Totalizando bem mais de 200.000 homens e 500 tanques, os dois Exércitos tinham pela frente cerca de 40.000 homens do 39º Corpo Panzer, do *General der Panzertruppen* Hans-Jürgen von Arnim⁵. A infantaria soviética trajava uniformes camuflados de inverno, com seus tanques de apoio intercalados entre as levas. A despeito da sua superioridade numérica e da confusão inicial no lado alemão, os soviéticos obtiveram resultados medíocres, em função das fortes defesas preparadas pelos alemães e pelo fato dos atacantes serem obrigados a atacar através de terreno aberto. Além disso, a neblina e a neve que caía incessantemente prejudicaram a preparação da artilharia soviética.

Ao norte do rio Osuga, a 102ª Divisão de Infantaria foi alvo dos assaltos do 31º Exército, do General Vitalii Sergeevich Polenov. Os atacantes pertenciam às 88ª, 239ª e 336ª Divisões de Fuzileiros, apoiadas pelos blindados das 145ª e 332ª Brigadas de Tanques (cerca de 20.000 homens e mais de 100 tanques). Já no vulnerável setor entre os rios Osuga e Vazusa, o 195º Regimento de Infantaria (102ª Divisão) foi atacado por três divisões do 20º Exército, do Major-General Nikolai Ivanovich Kiriukhin (42ª de Fuzileiros de Guardas, 251ª e 326ª de Fuzileiros), apoiadas por duas brigadas de tanques (25ª e 93ª).

A infantaria alemã, em suas trincheiras, estava preparada para eles. O fogo concentrado da artilharia, metralhadoras e armas leves fez verdadei-

⁵ A 03/12/42, Arnim (04/04/1889 – 01/09/1962) foi promovido a *Generaloberst* e recebeu o comando do 5º Exército Panzer na Tunísia, sendo capturado pelos aliados em maio de 1943.

ra devastação nas fileiras de atacantes, enquanto as armas antitanques detinham os blindados. Um punhado de atacantes conseguiu chegar às posições alemãs e eles foram imediatamente capturados.

Em três dias de batalha, os alemães dizimaram os atacantes. Os soviéticos atacaram incessantemente a frente da 102ª Divisão, perdendo mais da metade de seus homens e a maioria de seus tanques – tudo em vão. A linha alemã resistiu a tudo o que os soviéticos lançaram contra ela. Após alguns dias, Konev ordenou a Polenov que transferisse a sua divisão de reserva, a 20ª Divisão de Fuzileiros de Guardas, para o sul, para reforçar o êxito do 20º Exército.

Ao longo da margem do congelado rio Vazusa, uma única divisão do 20º Exército obteve algum êxito. Tirando vantagem da confusão inicial alemã, a 247ª Divisão de Fuzileiros, apoiada por cerca de 50 tanques das 80ª e 240ª Brigadas de Tanques, rompeu a linha do 14º Regimento de Infantaria (78ª Divisão), atravessou o rio ao sul de Grediakino, penetrou através das posições avançadas alemãs e atingiu as vilas fortificadas de Zevalovka e Prudyna. Ao sul da penetração, o 13º Regimento Panzergrenadier (5ª Divisão Panzer) se viu forçado a ceder terreno.



Guarnição de um Pak 38 de 50 mm da 78ª Divisão de Infantaria alemã. Embora superado pelo Pak 40 de 75 mm, esta arma continuou em serviço até o fim da guerra.

Explorando a oportunidade, Kiriukhin rapidamente fez a 331ª Divisão de Fuzileiros atravessar o rio e a enfiou através da brecha na linha alemã. Feroz

combate grassou ao longo de todo o dia no terreno aberto a oeste do rio, na medida em que as forças soviéticas investiam as irredutíveis vilas fortificadas na tentativa de expandir a cabeça de ponte. Isso era um objetivo crucial, pois Konev e Kiriukhin planejavam empenhar ali seu segundo escalão (o 8º Corpo de Fuzileiros de Guardas e o Grupo Móvel). Durante todo o dia, Zhukov, Konev e Kiriukhin exortaram, ofenderam e bajularam seus homens. Pelo fim do dia, e apesar da cabeça de ponte ainda estar muito restrita, Konev decidiu aceitar o risco e ordenou a Kiriukhin que empenhasse o 8º Corpo de Fuzileiros de Guardas (formado pela 26ª Divisão de Fuzileiros de Guardas, 148ª e 150ª Brigadas de Fuzileiros e 11ª e 18ª Brigadas de Tanques), seguido pelo Grupo Móvel.

Essa decisão, contudo, revelou-se prematura. Desastrosamente prematura. Sob o constante fogo da artilharia alemã, mais de 200 tanques, 30.000 fuzileiros e 10.000 cavaleiros, com seus comboios logísticos, moveram-se inexoravelmente para a frente, na escuridão, ao longo de duas precárias estradas congeladas através dos bosques da margem leste do rio. Já que essas estradas já haviam sido enquadradas pelos alemães e estavam sendo entulhadas de tropas e armamentos, o resultado era mais do que previsível. Houve um caos medonho, uma vez que a infantaria e os tanques do 8º Corpo de Fuzileiros de Guardas, do General Fedor Dmitrievich Zakharov, engarrafavam os pontos de travessia sobre o Vazusa e oficiais do Estado-Maior tentavam em vão abrir caminho para as forças do Grupo Móvel. Era simplesmente impossível. Embora o 8º Corpo acabasse conseguindo atravessar o rio, o Grupo Móvel não logrou fazê-lo. Não foi senão pelo meio dia de 26/11/42 que as 22ª e 200ª Brigadas de Tanques e a 6ª Brigada Motorizada do 6º Corpo de Tanques, do Coronel Pavel Matisovich Arman⁶, conseguiram entrar em ação, após terem sofrido sérias baixas. Além disso, a sua 100ª Brigada de Tanques permaneceu retida na cabeça de ponte. Enquanto isso, os cavaleiros do 2º Corpo de Cavalaria de Guardas, do Major-General Vladimir Viktorovich Kriukov, continuaram na margem leste até 27/11/42. Elementos das 2ª e 3ª Divisões de Cavalaria de Guardas e toda a 20ª

⁶ Arman (04/04/1903-07/08/1943) era um letoniano que estudou na França e lutou na Guerra Civil Espanhola, comandando uma companhia de T-26 que participou da defesa de Madri (por bravura demonstrada na Batalha de Seseña, ele recebeu o título de Herói da União Soviética). Em fevereiro de 1937, durante os expurgos stalinistas, ele foi preso, sendo libertado mais de dois anos depois. No momento da invasão alemã, ele comandava a 51ª Divisão de Tanques. Ele morreu em combate na Frente de Volkhov.

de Cavalaria chegaram à estrada, mas a 4ª Divisão de Cavalaria de Guardas e o comando do corpo, não. Esses reforços entraram na batalha tendo já sofrido algumas baixas e em estado de desorganização, após a caótica marcha noturna. Além disso, o imenso engarrafamento ao longo do rio Vazusa também atrasou a progressão da artilharia de apoio. Oficiais do 20º Exército responsáveis pelos pontos de travessia do rio agiram de forma tão incompetente neste momento crítico que permitiram que serviços de retaguarda atravessassem o rio, enquanto eram retidas unidades de combate destinadas à exploração do êxito. Para desgosto de Zhukov e Konev, o impulso da ofensiva já estava esmorecendo.

As tropas misturadas da 5ª Divisão Panzer e da 78ª Divisão de Infantaria lutaram com obstinação desesperada. Pequenos grupos de infantaria, de efetivo não maior do que um batalhão, apoiados por tanques e artilharia, com abrigos resistentes e campos de tiro extensos e cobertos de neve (o que dificultava a movimentação dos atacantes), combateram ferozmente em cada um dos pontos de resistência em que foram alcançados pelos soviéticos a oeste do rio Vazusa. Esses pontos fortes afunilaram os atacantes, que ultrapassaram alguns deles e capturaram outros, mas a maioria acabou se mantendo ativa na retaguarda soviética. Assoberbado com problemas de comunicação, von Arnim não tinha como avaliar a situação geral. Apesar disso, foram tomadas medidas urgentes, incluindo o envio da 9ª Divisão Panzer, então a oeste de Sychevka, para a área da batalha. A ordem dada à divisão prescrevia que ela deveria seguir em direção ao som dos canhões e fechar as brechas que encontrasse. Arnim também redefiniu os comandos no local, dando ao *General der Infanterie* Paul Völckers, da 78ª Divisão, o comando de todas as forças ao sul da cabeça de ponte soviética, enquanto o *General-leutnant* Walter Scheller, da 9ª Panzer, assumia o comando no norte dela.

Enquanto a 9ª Divisão Panzer se posicionava em ambos os lados da vital estrada Rzhev-Sychevka, o Grupo Móvel enfrentava sérias dificuldades na exploração do êxito. O 6º Corpo de Tanques realizou ataques em colunas de brigada, com cerca de 50 tanques cada, com infantaria empoleirada neles, passando entre e, em alguns casos, sobre os pontos fortes alemães. Logo atrás vinham os cavaleiros do 2º Corpo de Cavalaria de Guardas. Não obstante, três das quatro brigadas do Coronel Arman lograram penetrar até a estrada Rzhev-Sychevka, próximo à vila de Lozhky. No entanto, uma companhia do 62º Batalhão de Engenharia manteve a posse da crucial ponte sobre o rio Osuga em Lozhky e os soviéticos, frustrados, tiveram que buscar outro ponto de travessia.

A essa altura, suas perdas já haviam sido da ordem de 50% e a irredutível defesa alemã fragmentou os atacantes. A cavalaria do General Kriukov havia sofrido perdas terríveis na arremetida que suas três divisões realizaram contra a retaguarda alemã, enquanto o seu comando e apoio logístico ainda estavam enclausurados na diminuta cabeça de ponte do Vazusa. A resposta alemã não tardou e logo partiram contrataques do norte e do sul ao longo da estrada Rzhev-Sychevka contra os flancos expostos das forças soviéticas. Enquanto isso ocorria, a assoberbada infantaria soviética continuava tentando expandir a cabeça de ponte, sem muito sucesso.



Tanques soviéticos destruídos. O do centro e o da direita são Valentines britânicos, fornecidos através do Lend-Lease.

Na manhã de 27/11/42, os soviéticos investiram violentamente contra Nikonovo, defendida por elementos da 5ª Divisão Panzer. Pelo meio dia, a 3ª Divisão de Cavalaria de Guardas atacou posições alemãs em Podosinovka, superando a oposição e capturando duas baterias de artilharia. A fortuita chegada de quatro canhões de 88 mm e cinco canhões de assalto do 667º *Sturmgeschütz Abteilung* deteve o ataque. Em Bol'shoe Kropotovo, a 5ª Divisão Panzer teve que lançar mão de suas unidades de segurança, ersatz⁷, cozinheiros e artilheiros antiaéreos, conseguindo repelir os atacantes. A última grande unidade de Kiriukhin finalmente atravessou o Vazusa pelo meio dia de 27/11/42. A 1ª Divisão Motorizada de Fuzileiros de Guardas marchou direto para o front e, sem esperar pela 31ª Brigada de Tanques, assaltou Nikonovo e Maloe Kropotovo. Sem o apoio de tanques e de artilharia, o ataque não passou de um suicídio coletivo. Os 1º e 3º Regimentos de Fuzileiros de Guardas logo foram reduzidos a 50% de seu efetivo original pelo fogo das armas portáteis, metralhadoras, morteiros e minas. Apesar desses êxitos, os alemães se viram forçados a trazer de trem o 430º Regimento (129ª Di-

⁷ Soldados de substituição.

visão) da área de Rzhev para reforçar a posição em Podosinovka.

No dia 28/11/42, três divisões de fuzileiros (1ª Motorizada de Guardas, 26ª de Guardas e 247ª) e duas de cavalaria (3ª de Guardas e 20ª) renovaram os ataques contra posições alemãs em Bol'shoe Kropotovo, Maloe Kropotovo, Nikonovo e Podosinovka, num esforço desesperado para ampliar a cabeça de ponte. A cavalaria soviética engalfinhou-se com a infantaria alemã postada entre Bol'shoe Kropotovo e Maloe Kropotovo e os dois regimentos da vanguarda conseguiram passar, esmagando uma bateria de morteiros no processo, mas sem deixar de ter pesadas baixas. O 22º Regimento de Cavalaria (20ª Divisão), que vinha atrás, não teve a mesma sorte. Com os alemães já atentos para a presença da cavalaria soviética na região, os pontos fortes nas imediações concentraram-se na coluna que se aproximava. Os cavalarianos se viram forçados a desmontar e buscar cobertura, tornando-se alvo de contrataques alemães que frequentemente se transformavam em cruéis combates corpo a corpo. Pelo meio da manhã, o regimento não existia mais, incluindo seu comandante. Poucos sobreviventes chegaram a Arestovo.

Mais ao sul, em Lopatok, o comandante do 215º Regimento de Infantaria (78ª Divisão) reuniu tudo o que pôde, incluindo uma companhia de ersatz, alguns canhões de assalto e extraviados. A ordem era deter os soviéticos, ignorando os que já haviam passado e estavam agora na sua retaguarda. Em dado momento, o 10º Regimento de Cavalaria de Guardas (da 3ª Divisão de Cavalaria de Guardas, formado por cossacos) realizou uma carga contra a sua posição e foi recebido por nutrido fogo de todas as armas, incluindo um bombardeiro Junkers Ju 88 que apareceu na área e lançou suas bombas sobre os atacantes. Foi um massacre. Todos os cossacos foram mortos e a posição resistiu a todos os ataques lançados contra ela.

No entanto, os tanques de Arman continuaram a obter ganhos, conseguindo afinal penetrar 20 quilômetros nas defesas alemãs. Eles alcançaram os QGs de três unidades do 9º Exército, destruíram três grupos de artilharia (dois deles apanhados em coluna de marcha) e capturaram alguns depósitos.

Em dois dias de ferozes combates, a 5ª Divisão Panzer havia sofrido mais de 500 baixas e a 78ª Divisão informou que todas as suas unidades estavam severamente enfraquecidas, tendo sofrido sérias perdas também em equipamentos e armas. O custo para os soviéticos foi obviamente bem maior, tendo os alemães contado pelo menos 50 tanques inimigos destruídos e incontáveis corpos trajando roupas marrons e brancas.



Tanque pesado soviético KV-1 que literalmente “atropelou” um canhão de 88 mm. O combate cerrado que caracterizou essa batalha tornava possível ações desse tipo.

Ao anoitecer do dia 28, era claro para todos que o ataque soviético havia fracassado. Sem se deixar abater pelos fracassos iniciais, Zhukov e Konev insistiam que os ataques continuassem em apoio às operações mais ao sul, o que só fez a carnificina ser cada vez maior. Com isso, o ataque soviético simplesmente se esgotou e, a despeito das exortações de Zhukov e Konev, não pôde ser retomado. Embora o grosso do 6º Corpo de Tanques e do 2º Corpo de Cavalaria de Guardas tivesse conseguido alcançar as florestas além da estrada Rzhev-Sychevka, as perdas haviam sido devastadoras e os contrataques alemães ao longo da estrada de Rzhev haviam fechado a rota de suprimentos. Além disso, a vanguarda soviética estava agora fora do alcance da sua artilharia, que sequer havia atravessado o Vazusa. Zhukov e Konev, contudo, permaneciam determinados. Eles ordenaram aos seus atarantados tanquistas que organizassem um ataque para o leste durante a noite de 28-29/11/42, enquanto exortavam suas forças na cabeça de ponte para apoiar o esforço e ampliar a brecha no dispositivo alemão. O otimismo totalmente injustificado de Zhukov se devia, em parte, à sua recusa em admitir o fracasso e, em parte, ao êxito que estava sendo obtido mais a oeste.

ASSALTO – FRENTE DE KALININ

No setor de Belyi e do rio Luchesa, ao longo da margem oeste do saliente de Rzhev, o 41º Exército, do Major-General German Fedorovich Tarasov, e o 22º Exército, do Tenente-General Vasili Aleksandrovich Iushkevich, lograram romper as defesas alemãs e realizar progressos significativos nos primeiros três dias da batalha.

Aos gritos de “Urra!”, os 90.000 homens do 41º Exército, apoiados por mais de 300 tanques, par-

tiram para o assalto às 09h00min de 25/11/42, após uma preparação de artilharia que esmagou as posições avançadas alemãs ao sul de Belyi. Mesmo os que sobreviveram ao bombardeio estavam abalados demais para opor qualquer tipo de resistência organizada.

A ponta de lança de Tarasov era o 6º Corpo de Fuzileiros Voluntários “Stalin”, do Major-General Stepan Ivanovich Povetkin. Ele consistia da 150ª Divisão de Fuzileiros e das 74ª, 75ª, 78ª e 91ª Brigadas de Fuzileiros siberianos. Em seus calcanhares seguiria o 1º Corpo Mecanizado, do General Mikhail Dmitrievich Solomatin⁸. Ele tinha as 65ª e 219ª Brigadas de Tanques e as 19ª, 35ª e 37ª Brigadas Mecanizadas, totalizando 15.200 homens, 10 tanques KV, 119 T-34 e 95 T-70.

Avançando debaixo de uma nevasca, através de florestas e pântanos congelados, até o terreno aberto ao longo da estrada Belyi-Dukhovshchina, os siberianos do 6º Corpo de Povetkin, apoiados pelos tanques de Solomatin, facilmente superaram as primeiras linhas de defesa alemãs, penetraram profundamente na área de florestas e atingiram as vilas ao longo da estrada e do rio Vishenka, na retaguarda alemã.

As 75ª e 74ª Brigadas de Fuzileiros (apoiadas, respectivamente, pelo 4º Regimento de Tanques e pela 65ª Brigada de Tanques) derrotaram facilmente as infelizes tropas da 2ª Divisão da Luftwaffe que defendiam os pontos fortes de Emel'ianova e Shiparevo. Mais ao sul, a 17ª Divisão de Fuzileiros de Guardas repeliu os alemães para Demekhi. Ao norte, a 150ª Divisão de Fuzileiros (a mesma que em 1945 lutaria em Berlim e cujos homens hasteariam a bandeira vermelha no Reichstag) destróçou as defesas alemãs em Klemiatino, mas enfrentou dificuldades para superar a obstinada resistência alemã em Dubrovka. O comandante da divisão solicitou o apoio de tanques a Solomatin, que, de olho na sua missão principal de contatar a vanguarda do 20º Exército a oeste de Sychevka, negou.

Animado pelos êxitos do primeiro dia, na aurora do dia seguinte o General Tarasov ordenou que todo o corpo mecanizado entrasse na batalha. Apesar de todo esse quadro aparentemente animador, o fato é que Tarasov superestimou as suas possibilidades. Ele acreditava que a linha alemã estava prestes a entrar em colapso e que os alemães tinham poucas reservas disponíveis.

⁸ Solomatin (05/12/1894 – 22/10/1986) havia comandado a força de tanques do 1º Exército Bandeira Vermelha, no Extremo Oriente, e a 59ª Divisão de Fuzileiros antes de ser preso em julho de 1938 durante os expurgos stalinistas. Libertado em maio de 1939, ele assumiu diversos comandos e terminou a guerra como Assistente para Forças de Tanques e Mecanizadas do Comando do Extremo Oriente.

Portanto, Belyi parecia estar vulnerável a uma rápida conquista, embora ele tivesse ordens de evitar se envolver em combate pesado pela cidade. Inicialmente, Tarasov ordenou à 150ª Divisão de Fuzileiros que tomasse a cidade. No entanto, ela foi quase imediatamente detida, a despeito do apoio de elementos da 219ª Brigada de Tanques. Com o prosseguimento da luta, toda a 219ª Brigada acabou empenhada, bem como a 19ª Brigada Mecanizada, a 91ª Brigada de Fuzileiros e elementos da 134ª Divisão de Fuzileiros. Em vão.



Assalto da infantaria soviética, com trajes de inverno. Devido ao baixo nível de treinamento da tropa, a tática mais comum era a do ataque frontal em massa – o tipo mais caro de ataque.

O 41º Corpo Panzer, do *Generaloberst* Josef Harpe, reconheceu a gravidade da situação nessa mesma noite, particularmente no setor da 2ª Divisão da Luftwaffe e do 352º Regimento (246ª Divisão), que haviam sido destroçados. Harpe incumbiu a 246ª Divisão de Infantaria de defender os acessos meridionais da cidade, confiando que as reservas logo chegariam para restabelecer a situação.

Em seu socorro foram despachados dois *kampfgruppen*⁹, sendo um vindo da Divisão Grossdeutschland e o outro da 1ª Divisão Panzer, então posicionados, respectivamente, a nordeste e sudeste de Belyi. Adicionalmente, o 41º Regimento de Infantaria (remanescente da destruída 10ª Divisão de Infantaria, então em recuperação) foi despachado para Belyi, a 86ª Divisão despachou um batalhão para reforçar o combalido 352º Regimento e Model ordenou à Divisão de Cavalaria SS que reforçasse a defesa de Demekhi, ao sul da penetração soviética.

Atravessando estradas cobertas de neve, o *Kampfgruppe* von Weitersheim, formado em torno do 113º Regimento Panzergrenadier (1ª Divisão Panzer) alcançou Belyi no fim da manhã do dia 26/11/42, enquanto o *Kampfgruppe* Kassnitz, tendo por base o Regimento de Fuzileiros da

⁹ Grupos de Batalha.

Grossdeutschland, chegou poucas horas depois. Nesse meio tempo, Solomatin tentava energicamente atingir a estrada Belyi-Vladimirskoe, com as 65ª e 219ª Brigadas de Tanques liderando o avanço. Seus tanques alcançaram o rio Vena e capturaram uma ponte intacta, permitindo à 37ª Brigada Mecanizada atravessar o rio. Em Syrmatnaia, elementos da 65ª Brigada de Tanques emboscaram e capturaram um destacamento da cavalaria SS, que ficou surpreso em encontrar os soviéticos tão na retaguarda alemã.

Em dois dias, os homens de Solomatin realizaram um avanço espetacular, a despeito de grandes dificuldades. O movimento tinha que ser feito através de florestas densas, cobertas com neve profunda, praticamente sem estradas que permitissem a passagem de veículos de transporte e com todas as pontes demolidas pelos alemães em retirada. Os tanques T-34 tiveram que ser usados para abrir trilhas para os veículos e houve ocasiões em que a infantaria motorizada se viu forçada a seguir os tanques a pé, ficando bem para trás. A péssima visibilidade prejudicava os movimentos, principalmente das unidades de vanguarda, que eventualmente acabavam trombando entre si, atrapalhando-se mutuamente e transformando num pesadelo o controle de toda a força. Apesar de tudo isso, eles abriram um buraco de 20 quilômetros de largura e quase 30 de profundidade na linha alemã. A 65ª Brigada de Tanques logrou atravessar o rio Nacha e, ao fim do dia 27/11/42, anunciou orgulhosamente a sua chegada à estrada Belyi-Vladimirskoe, cortando a vital linha de comunicações alemã com Belyi.



T-34, o principal tanque soviético da 2ª Guerra Mundial. Até o surgimento do Panther, no verão de 1943, os alemães não tinham nenhum tanque comparável a ele.

Em Tarakanovo, os soviéticos colidiram com o recém-chegado 41º Regimento de Infantaria, que tinha ordens de impedir os soviéticos de chegar ao rio Nacha. Violentos combates grassaram ao

sul de Belyi, com repetidos ataques e contrataques, com pesadas baixas de ambos os lados. Reforçando a dizimada 150ª Divisão com elementos do 1º Corpo Mecanizado, Tarasov conseguiu ainda tomar Dubrovka e Mar'ino, mas foi detido em Baturino. Esse dreno dos meios de Solomatin teve a perversa consequência de prejudicar o seu avanço para o nordeste – que era a sua missão principal – e não lograr conquistar a cidade, sofrendo baixas pesadas no processo.

Solomatin solicitou urgentemente a Tarasov que liberasse para ele duas brigadas mecanizadas da reserva do Exército (47ª e 48ª). Contudo, depois de objetar enquanto pôde, a 28/11/42 Tarasov, por fim, negou a solicitação e empenhou as duas brigadas na luta por Belyi.

A 47ª Brigada Mecanizada atacou para o norte a leste de Belyi em uma nova tentativa de envolver a cidade. Apesar de conseguir alcançar a estrada Belyi-Vladimirovka, ela acabou numa posição vulnerável e sem apoio a nordeste da cidade. Enquanto isso, as esgotadas e espalhadas tropas de Solomatin combatiam ferozmente ao longo dos 30 quilômetros da estrada Belyi-Vladimirskoe contra elementos da 1ª Divisão Panzer. Na manhã de 28/11/42, a 37ª Brigada Mecanizada retomou o avanço para o leste, através de pântanos congelados e florestas, visando cortar a ferrovia ao sul de Vladimirskoe. Ao cair da noite, a infantaria mecanizada soviética tomou Nikitinka, capturando a estação ferroviária e seus armazéns e destruindo várias locomotivas e vagões. Os soviéticos também tomaram Kubasova, Matrenino e Levino, ao longo do rio Vop. Apesar da impressionante vitória (a 37ª Brigada foi a única unidade a atingir os seus objetivos na Operação Marte), o preço foi alto, incluindo o Subcomandante do 1º Corpo Mecanizado, Coronel A. M. Goriainov, ferido mortalmente.

A 29/11/42, a 47ª Brigada conquistou Meshkovo, na estrada Belyi-Olenino, contra esparsa oposição alemã. Com isso, todas as comunicações alemãs com Belyi estavam agora cortadas. Porém, ao invés de reforçar o êxito da 47ª Brigada com as 19ª e 91ª Brigadas, Tarasov enviou as duas para atacar Belyi pelo leste. No final do dia seguinte, a brigada se viu forçada a se retirar.

Enquanto isso, o 1º Corpo Mecanizado prosseguiu no seu avanço ao longo da frente do rio Nacha. Enquanto a 37ª Brigada protegia o flanco do Corpo, a 35ª destruiu uma cabeça de ponte alemã em Sementsovo (defendida pelo desfalcado batalhão de reconhecimento da 1ª Divisão Panzer), atravessou o rio e cortou a estrada Belyi-Vladimirskoe, sofrendo severos contrataques. A 219ª atacou repetidamente Kushlevo, a oeste do rio Nacha, que foi abandonada pelos alemães durante a noite, e a 65ª ampliou a sua cabeça de

ponte em Basino. No dia seguinte, o 2º Batalhão do 1º Regimento Panzergrenadier enfrentou a 65ª Brigada. O Sargento Schafer, que já havia destruído 10 tanques na véspera, atacou uma força soviética de cerca de 20 T-34 e 3 KV-1, todos com infantaria embarcada. Com um Panzer IV e um canhão de assalto de 75 mm, Schafer destruiu 2 KV-1 e 14 T-34. Por fim, um KV-1 atingiu a torre de seu tanque, crivando seu rosto de estilhaços e arrancando a perna do rádio-operador. Apesar disso, o veículo retornou à segurança de suas linhas e o ataque soviético acabou repellido. Em quatro dias de combates, o batalhão destruiu mais de 40 tanques soviéticos.

Já então os primeiros elementos da 12ª Divisão Panzer chegaram à região e resgataram um batalhão cercado. Solomatin compreendeu que a grande oportunidade havia sido desperdiçada pela batalha inútil por Belyi. Consequentemente, ele decidiu passar para a defensiva e consolidar as suas posições, aguardando a contraofensiva alemã que ele sabia que logo viria.

De fato, Harpe estava trabalhando freneticamente para reunir forças para passar à ofensiva, começando por liberar a 1ª Divisão Panzer de Belyi. Model e Kluge responderam rapidamente aos apelos de Harpe e enviaram as 12ª, 19ª e 20ª Divisões Panzer. No entanto, para alcançar o campo de batalha, essas divisões teriam que marchar por longas distâncias sobre caminhos difíceis e nas piores condições do inverno. Até que chegassem, o destino do 41º Corpo estaria na balança.

Ao norte de Belyi, o 22º Exército, com mais de 50.000 homens e 270 tanques do 3º Corpo Mecanizado do Major-General Mikhail Efimovich Katukov, assaltou para o leste pelo vale do rio Luchesa. O 3º Corpo Mecanizado era uma formação excepcionalmente forte, contando com cinco brigadas: 1ª de Tanques de Guardas, 49ª de Tanques e as 1ª, 3ª e 10ª Mecanizadas. O desafio diante de Lushkevich era ainda mais complicado do que na frente de Tarasov. O único caminho que poderia remotamente ser chamado de estrada estava confinado no fundo de um vale sinuoso, flanqueado por florestas e pântanos congelados, com várias aldeias ao longo dela, até alcançar a estrada Olenino-Belyi, há quase 20 quilômetros de distância. Se ele conseguisse atingir esse objetivo, os flancos dos alemães em Olenino e em Belyi estariam expostos.

Atacando através deste estreito corredor, a 238ª Divisão de Fuzileiros, reforçada com dois regimentos da 185ª Divisão de Fuzileiros e com apoio de tanques, abriu caminho com grande dificuldade, enfrentando a oposição do inimigo e a natureza do terreno. Ainda no primeiro dia, duas brigadas de Katukov (1ª de Tanques de Guardas e 49ª

de Tanques) se uniram ao assalto na esperança de acelerar a progressão, mas, ao fim do dia, os soviéticos haviam penetrado meros dois quilômetros de suas posições originais.

O 23º Corpo alemão, do *General der Infanterie* Carl Hilpert, estava em apuros. O ataque soviético havia esmagado parte do 216º Regimento (86ª Divisão, do 41º Corpo Panzer) e abriu uma brecha na junção entre os 41º e 23º Corpos. A única reserva de Hilpert era o *Kampfgruppe* Lindemann, formado em torno do 252º Regimento (110ª Divisão). Essa força, mais os remanescentes do 216º Regimento, teriam que resistir à ofensiva soviética até que o Regimento de Granadeiros da Divisão *Grossdeutschland* chegasse.

O amanhecer do dia 26 testemunhou o bem sucedido ataque dos fuzileiros da 185ª Divisão, que conseguiram atravessar o congelado rio Luchesa. Os alemães então abandonaram suas posições avançadas e recuaram para a vila fortificada de Grivo. Aqui, os atacantes foram recebidos por potente fogo de armas leves, metralhadoras, morteiros e artilharia. Como os tanques da 1ª Brigada de Tanques de Guardas haviam ficado aquém do rio, os assaltantes foram rechaçados com pesadas baixas. Outra coluna atacou em direção a Starukhi e chocou-se com recém-chegados elementos da *Grossdeutschland*. No combate resultante, os soviéticos conseguiram um modesto avanço, mas com pesadas perdas na 1ª Brigada de Tanques de Guardas. Na frente da 238ª Divisão, Tolkachi foi atacada repetidas vezes, caindo por fim ao anoitecer.



Homens da *Grossdeutschland*. O status de divisão de elite fazia com que ela recebesse missões além de suas possibilidades, sofrendo baixas pesadas – de 10.000 a 12.000 só em 1942.

O novo dia viu o recrudescimento da luta pela estratégica vila de Starukhi. Enquanto a infantaria soviética investia Grivo, defendida pelo 252º Regimento, o 3º Corpo Mecanizado abria caminho à

força contra a tenaz oposição dos granadeiros alemães na direção de Starukhi e Karskaia. O fim do dia viu os soviéticos ganharem algum terreno, mas a linha alemã foi mantida.

Nos dias seguintes, Iushkevich continuou pressionando. Na tarde do dia 29, ele recebeu uma comunicação de Purkaev incitando-o a alcançar a estrada Belyi-Olenino o mais rápido possível e a qualquer preço.

Embora os alemães tivessem conseguido escapar por pouco de um desastre no dia 28, eles eram incapazes de repelir o 22º Exército. O Regimento de Granadeiros da Grossdeutschland iniciou os preparativos para contra-atacar e reatar o contato com a 86ª Divisão, mas novos ataques soviéticos mantiveram os alemães na defensiva. Os germânicos tiveram que usar seus canhões antiaéreos de 88 mm contra os T-34 e KV-1 depois que uma bateria de canhões de 50 mm foi simplesmente atropelada pelos monstros de aço. A luta prosseguiu durante a noite e os alemães tiveram que ceder terreno diante dos persistentes ataques soviéticos. Apesar disso, Grivo permaneceu em mãos alemãs, mas uma brecha de 12 quilômetros se abriu agourentamente entre a Grossdeutschland e a 86ª Divisão.

Diante da gravidade da situação, Hilpert buscou reforços onde quer que pudesse encontrá-los. Despachou batalhões isolados das 110ª e 253ª Divisões e formou grupos *ad hoc* de artilheiros, engenheiros, tropas de retaguarda e até hiwis (“voluntários” russos). Também para os alemães, era preciso vencer a qualquer preço.

Por 30/11/42, os soviéticos ocupavam um saliente de oito quilômetros de largura por quase 15 de profundidade, mas haviam sido detidos a meros quatro quilômetros da estrada Olenino-Belyi. Além disso, o 22º Exército havia sido sangrado – quase metade de seus 270 tanques havia sido destruída, sua infantaria mecanizada havia sido dizimada e suas divisões de fuzileiros tinham sofrido mais de 50% de baixas.

A situação era bastante tensa também na extremidade norte do saliente de Rzhev. Aqui, numa larga frente ao longo do rio Molodoi Tud, o 39º Exército, do Major-General Aleksei Ivanovich Zygin, lançou três divisões de fuzileiros (135ª, 158ª e 373ª) e quatro brigadas de infantaria (100ª, 101ª, 117ª e 136ª), apoiadas por duas brigadas (28ª e 81ª) e dois regimentos de tanques (28º e 29º), totalizando 80.000 homens e mais de 200 blindados. Como o ataque de Zygin pretendia ser secundário, ele não estava preparado nem tinha os meios para explorar oportunidades que porventura aparecessem.

A maior parte da frente sob ataque (mais de 20 quilômetros) estava guarnecida pela 206ª Divisão de Infantaria. Como era impossível defender con-

tinuamente toda essa extensão, foram estabelecidos pontos fortes em ouriço, que tinham campos de tiro entrecruzados.

A preparação de artilharia, como em outras partes da frente, iniciou-se às 09h00min, mas, diferentemente de outros locais, foi totalmente ineficaz. A natureza espaçada das defesas e as densas florestas reduziram a eficácia do bombardeio e a combinação de suaves nevascas e neblina impedia a observação dos resultados. Quando a infantaria e os tanques partiram para o assalto, a primeira foi quase imediatamente detida pelo intenso fogo de metralhadoras e os blindados, sem o apoio da infantaria e já começando a sofrer baixas consideráveis, recuaram.

Os únicos êxitos do dia foram obtidos nos flancos. No direito, a 100ª Brigada atacou o ponto de junção entre as 206ª e 253ª Divisões alemãs e conseguiu estabelecer uma diminuta cabeça de ponte no Molodoi Tud entre a cidadezinha de Molodoi Tud e o rio Dubenka. Os soviéticos derrotaram os esparsos defensores do 473º Regimento (253ª Divisão) e avançaram cinco quilômetros na retaguarda alemã, sobre terreno parcialmente boscoso e coberto de neve, ameaçando a crítica estrada Molodoi Tud-Olenino.



Obuseiro soviético Modelo 1937 de 152 mm. A artilharia soviética nem sempre teve condições de se impor durante a batalha.

Na outra extremidade, a 136ª Brigada, apoiada por dois regimentos de tanques, atacou da cabeça de ponte no Volga para oeste na direção de Zaitsevo. Os soviéticos conseguiram penetrar quatro quilômetros através das linhas do 413º Regimento (206ª Divisão) e ameaçaram o flanco da vizinha 251ª Divisão, então sendo pressionada pelo 30º Exército, do General Vladimir Iakovlevich Kolpakchi.

Todavia, a oportuna chegada da 14ª Divisão de Infantaria Motorizada (centro e flanco direito) e de elementos da Grossdeutschland (flanco esquerdo) reforçou as defesas alemãs e reduziu as possibilidades de êxito do 39º Exército. Um contra-ataque por dois batalhões do Regimento de Gra-

nadeiros da Grossdeutschland foi bem sucedido em reduzir a penetração soviética na esquerda germânica.

Ao fim do dia, o grosso do 39º Exército continuava na sua margem do Molodoi Tud e começou a se reagrupar para retomar o assalto na manhã seguinte. Zygin solicitou permissão para reforçar seus êxitos nos flancos, mas, ao invés disso, Purkaev ordenou que ele se mantivesse fiel ao plano original.

O novo assalto teve maior êxito, uma vez que a visibilidade estava bem melhor e os observadores de artilharia puderam realizar seu trabalho. Os pontos fortes avançados alemães foram rapidamente derrotados por uma eficiente combinação tanques-infantaria e os soviéticos avançaram cerca de dois quilômetros, culminando na tomada de Molodoi Tud. Em contrapartida, a 100ª Brigada foi destruída pelos dois batalhões do Regimento de Granadeiros da Grossdeutschland, que restabeleceram a linha alemã original. No entanto, em vista da situação crítica mais ao sul, no vale do rio Luchesa, um dos batalhões teve que ser despachado para lá e o outro passou para a reserva do corpo.

Hilpert se viu forçado a realizar algumas retiradas táticas com as 206ª e 14ª Divisões. A despeito disso, a linha alemã manteve a sua integridade.

A 30/11/42, Zygin empenhou sua última grande reserva, a 348ª Divisão, na esperança de romper a linha alemã em Urdom. Ele concentrou as 135ª e 348ª Divisões e o que restara dos tanques das 28ª e 81ª Brigadas. Ferozes combates em torno da cidade envolveram elementos da Grossdeutschland (incluindo seu novo batalhão de esquiadores) e os remanescentes do 413º Regimento. Ao fim do dia, os soviéticos tomaram posse da destruída cidade e os alemães não foram capazes de desalojá-los.

Apesar do sucesso, o 39º Exército estava esgotado, enquanto a linha alemã mantinha-se intacta. Para os alemães, a perda de Urdom não significou nada de relevante, pois Hilpert, o comandante do 23º Corpo, já havia se decidido a não se empenhar em uma custosa luta de casa em casa pela cidade. Uma nova linha já havia sido erigida atrás dela e, nessa mesma noite, as tropas da Grossdeutschland foram substituídas por homens da 206ª Divisão.

Pressionado por Zhukov, Purkaev e Konev, Zygin continuou realizando ataques locais, visando melhorar suas posições para uma futura retomada da ofensiva. Na maioria das vezes, porém, tais ataques só serviam para aumentar as baixas soviéticas e essa atividade não passou despercebida aos alemães, que aproveitaram a ocasião para melhorar suas posições e reorganizar suas unidades. Zygin acabaria frustrado na sua missão

de atingir a estrada e a ferrovia Olenino-Rzhev.

Zhukov, Konev e Purkaev alternavam seus sentimentos entre a euforia e a frustração. Passados cinco dias do início das operações, a situação era a seguinte: o ataque principal da Frente Ocidental no setor de Sychevka havia claramente fracassado. Embora o 20º Exército tivesse conseguido estabelecer uma cabeça de ponte sobre o rio Vazusa e seu Grupo Móvel ocupasse posições precárias sobre a estrada Rzhev-Sychevka, o ataque do 31º Exército havia fracassado redondamente, enquanto o 29º Exército, do Major-General Evgenii Petrovich Zhuravlev, não havia sequer se unido ao assalto. Para deixar as coisas ainda piores, na noite de 28-29/11/42, os alemães começaram a lançar pesados contraataques, com o 27º Corpo atacando do norte e o 39º Corpo Panzer do sul. Como resultado, as 22ª e 200ª Brigadas de Tanques, um batalhão da 6ª Brigada Motorizada, os remanescentes da 1ª Brigada de Motociclistas e algumas unidades de cavalaria foram cercadas a oeste da ferrovia Rzhev-Sychevka. No setor da Frente de Kalinin, os 41º e 22º Exércitos haviam realizado progressos bastante significativos, mas haviam perdido o impulso inicial e estavam inextricavelmente enredados nas fortes defesas alemãs. Por fim, o 39º Exército estava irremediavelmente detido.

Nesse meio-tempo, o 3º Exército de Choque, no flanco direito da Frente de Kalinin, atacou na direção de Velikiye Luki. Apesar de sofrer baixas pesadas, ele conseguiu envolver a cidade a 28/11/42, cercando parte da 83ª Divisão de Infantaria alemã. Em função disso, o 2º Corpo Mecanizado foi enviado para reforçar esse êxito e, portanto, não participou da Batalha de Rzhev¹⁰.

Zhukov ordenou então que Konev reforçasse o 20º Exército com as divisões de reserva do 31º e que Kiriukhin retirasse seus blindados e cavalaria de suas posições expostas a oeste da estrada Rzhev-Sychevka. Depois de se reagrupar, Kiriukhin deveria retomar o ataque. Enquanto isso, os 41º e 22º Exércitos deveriam doravante atacar em apoio ao assalto do 20º Exército.

Mas o que Zhukov aparentemente não sabia era que o comando alemão estava se preparando para contra-atacar justamente no local em que os soviéticos haviam conseguido seus maiores sucessos.

¹⁰ A 10/12/42, o 2º Corpo Mecanizado realizou um notável avanço de 30 a 40 quilômetros e cortou a ferrovia Leningrado-Vitebsk. A ofensiva também aqui foi detida, embora os alemães igualmente fracassassem em resgatar a guarnição cercada de Velikiye Luki, que acabou rendendo-se a 13/01/43.

CONTRA-ATAQUE

Zhukov estava compreensivelmente frustrado. O 20º Exército havia perdido mais de 30.000 homens e 200 tanques em cinco dias de infrutíferos combates. As perdas do 31º Exército haviam sido de mesma monta, mas com ganhos ainda mais insignificantes. Ainda mais desconcertante era a situação no lado oeste do saliente, onde o 41º Exército havia obtido um êxito extraordinário, que abrisse as melhores perspectivas de sucesso de toda a operação, para degenerar num fiasco.

Tendo falhado em explorar o êxito da ruptura a oeste da estrada Rzhev-Sychevka, sofrendo escassez de munição e sem qualquer apoio logístico, Arman não tinha mais chance alguma de conseguir romper a linha em direção ao leste. Na noite de 29-30/11/42, o que restava do 6º Corpo de Tanques tentou ainda um ataque desesperado nas cercanias de Maloye Kropotovo, em coordenação com um ataque realizado a partir da cabeça de ponte do rio Vazusa. Sob o comando de Kriukov, tudo o que restara da força ofensiva do 20º Exército foi reunido para um grande esforço para tentar salvar Arman: 1ª Divisão Motorizada de Guardas, 20ª, 26ª e 42ª Divisões de Guardas, 247ª, 251ª, 326ª e 354ª Divisões de Fuzileiros, 3ª e 4ª Divisões de Cavalaria de Guardas, 148ª e 150ª Brigadas de Fuzileiros, 31ª e 100ª Brigadas de Tanques.



Cavalerianos soviéticos entrando numa cidade libertada. A cavalaria soviética sofreu baixas muito pesadas na batalha de Rzhev.

O feroz e caótico combate dos dias seguintes custou a quase totalidade dos tanques que restavam a Arman (menos de 50), enquanto a cavalaria e a infantaria foram massacradas. Arman não obteve qualquer êxito e retornou à relativa segurança dos bosques. O 20º Exército foi detido quase imediatamente, com baixas pesadíssimas. A despeito disso, as posições alemãs se mantinham precariamente, sendo a pior situação a de Grediakino, onde o 2º Batalhão do 14º Regimento Panzer Grenadier estava cercado, desfalcado e ficando

sem comida e munição, a ponto de ser necessário fazer o lançamento de suprimentos por paraquedas (a localidade cairia no dia seguinte, mas os 119 sobreviventes alemães conseguiram retornar às suas linhas, com os feridos incapazes de andar sendo transportados sobre os três tanques que restaram). Um batalhão do 18º Regimento (6ª Divisão), que estava seguindo de trem de Rzhev para Osuga como reforço, acabou envolvido na luta pela retomada de Lozhki, onde uma força soviética de tanques e cavalaria havia penetrado. O restante do regimento liberou a linha férrea com a ajuda de um trem blindado e ainda ajudou a deter os soviéticos em Maloye Kropotovo.

No dia 30/11/42, os soviéticos conseguiram tomar Maloye Kropotovo, mas perderam a localidade ainda no mesmo dia para uma força do 430º Regimento. Ao fim do dia, os alemães abandonaram Nikonovo para encurtar a linha.

A 01/12/42, a maior parte do pessoal remanescente do 6º Corpo de Tanques conseguiu escapar do bolsão que se formara, mas o equipamento pesado foi quase todo perdido. Entre os mortos estavam os comandantes da 200ª Brigada de Tanques e da 6ª Brigada Motorizada de Fuzileiros. A 20ª Divisão de Cavalaria do Coronel Pavel Trofimovich Kursakov¹¹ não conseguiu escapar e seus sobreviventes passaram as semanas seguintes lutando uma guerra de guerrilha ao lado dos partisanos. Menos de 1.000 sobreviventes conseguiram retornar às linhas soviéticas, no vale do rio Luchesa, no início de janeiro de 1943. A 1ª Divisão Motorizada de Guardas e a 31ª Brigada de Tanques foram riscadas da ordem de batalha soviética.

Do lado alemão, além das baixas, foi observado que os soldados estavam chegando ao limite da resistência, devido ao combate ininterrupto, falta de sono, frio intenso e suprimentos insuficientes.

Ao sul de Belyi, para espanto dos alemães, Tarasov continuou com os ataques inúteis contra a cidade nos primeiros quatro dias de dezembro, empenhando as 134ª e 150ª Divisões, com crescente apoio de artilharia e aéreo. Enquanto isso, no saliente, os piores pesadelos de Solomatin haviam se tornado realidade: não apenas os alemães mantiveram a posse de Belyi, como ainda se preparavam para lançar uma contraofensiva. A situação começou a se deteriorar rapidamente a partir de 01/12/42, depois que Solomatin encurtou a frente de seu corpo e se estabeleceu defensivamente. Nesse dia, os alemães retomaram a

¹¹ Kursakov (10/03/1897-16/01/1952) sobreviveu a essa odisséia e terminou a guerra como comandante ainda da mesma divisão, que em agosto de 1943 foi rebatizada 17ª Divisão de Cavalaria de Guardas.

estação ferroviária de Nikitinka e começaram a limpar os pontos de bloqueio soviéticos ao longo da ferrovia. Entre os dias 2 e 6 de dezembro, o 41º Corpo Panzer retomou o controle da estrada Belyi-Vladimirskoe, empenhando a 1ª e a 12ª Divisões Panzer. No processo, virtualmente aniquilaram a 47ª Brigada Mecanizada a nordeste de Belyi. Para piorar as coisas para os soviéticos, o 30º Corpo alemão estava começando a concentrar as 19ª e 20ª Divisões Panzer ao sul do saliente. A tarefa em si era das mais árduas, devido às terríveis condições do tempo, da precariedade das estradas e das desagradáveis intervenções dos partisanos. A despeito de todas essas dificuldades, pelo dia 06/12/42 o 30º Corpo, do *General der Artillerie Maximilian Fretter-Pico*¹², estava em posição para atacar o flanco sul do 41º Exército.



Oficial soviético treinando partisanos. Muitas vezes, não passavam de civis que habitavam as áreas ocupadas pelos alemães, mas também incluíam soldados desgarrados, grupos de sabotagem e até instrutores lançados de paraquedas.

O ataque alemão teve início no dia 07/12/42 e foi um clássico ataque de pinças: enquanto o 30º Corpo atacava do sul, a 1ª Divisão Panzer, reforçada com o Regimento de Fuzileiros da Divisão Grossdeutschland, atacaria do norte, no dia seguinte, partindo da região de Belyi.

A ponta de lança do 30º Corpo era a 19ª Divisão Panzer, que incluiu todos os meios mecanizados da 20ª Panzer. Enquanto a infantaria da 20ª Panzer providenciava a proteção do flanco direito da penetração, a Divisão de Cavalaria SS progrediria no flanco esquerdo. Ignorando pontos fortes ultrapassados, a 19ª Panzer avançou a despeito do emprego de katyushas pelos defensores. No primeiro dia, o 74º Regimento Panzergrenadier (19ª Divisão Panzer) conquistou Volynovo, Ploskoe e

Shevnino. Simultaneamente, a Divisão de Cavalaria SS progrediu à esquerda, empurrando os soviéticos de volta a Demekhi, enquanto o 59º Regimento Panzergrenadier (20ª Panzer) expulsava os defensores de Samsonikha e Bocharniki.

Tarasov passou a maior parte do dia 7 envolvido com os inúteis ataques contra Belyi e com a situação alarmante da 47ª Brigada Mecanizada. À tarde desse dia, porém, Tarasov recebeu informes de que o ataque alemão havia rompido a frente entre a 17ª Divisão de Fuzileiros de Guardas e a 74ª Brigada. Volynovo já havia caído e os alemães já estariam se aproximando de Shiparevo. Tarasov ordenou que a 75ª Brigada atacasse para o oeste para se ligar à 17ª Divisão de Guardas, impedindo os alemães de atingir o rio Vishenka. A 78ª Brigada deveria se concentrar em defender Shevnino, enquanto a 74ª deveria se estabelecer sobre o flanco direito do ataque alemão. Rapidamente, porém, ficou evidente que essas ordens não tinham qualquer relação com a realidade.

Os alemães depressa chegaram a Shevnino e não havia absolutamente nada que as desmazeladas brigadas de fuzileiros pudessem fazer para impedi-los. Pelo meio da tarde, Tarasov compreendeu que apenas a força de Solomatin teria alguma chance de deter os alemães. Mas, para isso, Solomatin teria que desengajar suas brigadas da linha do rio Nacha e reagrupá-las para seguir para a área ameaçada. Isso não apenas demandaria tempo, como deixaria a linha ainda mais tênue, além do risco enorme de todo o movimento se transformar num caos, em função do estado debilitado de todas as suas unidades e das condições do terreno e do clima.

Não deu outra. Os alemães logo perceberam a movimentação soviética e iniciaram uma série de ataques locais, visando reter as unidades soviéticas e encontrar pontos fracos na linha. A 19ª Brigada Mecanizada foi logo jogada para trás do Nacha e os alemães capturaram importantes pontos de travessia.

Obviamente, os alemães não ficaram esperando pelas desastrosas contramedidas de Tarasov e pelas 20h00min haviam ocupado Shiparevo e Tsitsina. Solomatin recebeu então o comando de todas as forças cercadas, que a essa altura se resumiam aos restos de suas brigadas mecanizadas, da 48ª Brigada Mecanizada, das 74ª e 91ª Brigadas de Fuzileiros e parte da 150ª Divisão. Ele logo estabeleceu um perímetro defensivo ancorado nas vilas de Syrmatnaia, Bykovo, Tarkanovo e Mar'ino e nas florestas ao sul de Tsitsina. As tentativas de recuperar Shevnino foram facilmente repelidas. A essa altura, as brigadas de tanques de Solomatin tinham menos de dez tanques cada e, portanto, não mereciam nem ser

¹² Não confundir com o General Otto Fretter-Pico, comandante da 148ª Divisão, que se rendeu à FEB em Fornovo di Taro em abril de 1945.

chamadas de batalhão.

No entanto, o bolsão ainda não estava fechado e havia um corredor livre de alemães na área de Tsitsina e Dubrovka. A solicitação de retirada de Solomatin foi negada por Tarasov, que ainda estava sendo pressionado por Zhukov e Purkaev para que mantivesse a todo custo posições necessárias para a retomada da ofensiva.

A 1ª Divisão Panzer partiu para o assalto no dia seguinte, com ordens de fazer contato com a 19ª Panzer em Dubrovka. A força reunida em torno do 113º Regimento Panzergrenadier logrou romper a principal linha de defesa soviética e, pelas 14h30min, alcançou Dubrovka, sendo imediatamente atingida por um contra-ataque soviético que a obrigou a recuar algumas centenas de metros. Enquanto isso, a vitoriosa 19ª prosseguia rumo ao norte e atingiu Dubrovka, seu destino final, pouco depois das 14h30min. Além disso, um batalhão da 246ª Divisão, que estava cercado na vila de Budino havia duas semanas, foi alcançado pelo Regimento de Fuzileiros da Grossdeutschland. Pelo fim da tarde, o bolsão estava virtualmente selado e os alemães estavam em franca perseguição dos soviéticos então se retirando da linha do rio Nacha. Elementos da 1ª Divisão Panzer e da 246ª Divisão e toda a 12ª Divisão Panzer seguiram nos calcanhares dos soviéticos, recuperando Ananino e Gorodnia e resgatando os sobreviventes do 1º Batalhão do 1º Regimento Panzergrenadier da 1ª Divisão Panzer (um oficial e 117 homens).



Panzer IV na Rússia, 1942. Este tanque é armado com um canhão de baixa velocidade de 75 mm, mais adequado ao apoio de infantaria do que ao combate com tanques.

O desastre soviético era total. A única reserva que restava a Tarasov era a 104ª Brigada de Tanques, que não seria suficiente nem mesmo para impedir os alemães de alcançar seu próprio QG. A única ajuda que veio de Purkaev foi a 279ª

Divisão de Fuzileiros, que já havia sido designada para o seu Exército para a prevista retomada da ofensiva. Agora, ela teria que ser usada para formar uma nova linha defensiva ao longo do rio Vishenka, ao lado dos restos da 150ª Divisão, das 75ª e 78ª Brigadas de Fuzileiros e das 65ª e 219ª Brigadas de Tanques, que haviam conseguido escapar ao cerco.

Zhukov e Purkaev logo ordenaram a Tarasov que concentrasse uma força de resgate para romper o cerco das forças sob o comando de Solomatin. Dessa vez, porém, até mesmo Tarasov considerou a ordem ridícula, já que ele não tinha meios nem mesmo para garantir a integridade de sua nova linha de defesa.

Solomatin tentou desde o início romper o cerco alemão, mas seus ataques esbarraram em pontos fortes rapidamente estabelecidos em torno de alguns tanques. No dia 8, durante esses ataques, o comandante da 37ª Brigada Mecanizada foi morto. Nos dias seguintes, a linha alemã ganharia robustez e os ataques soviéticos ganhariam a força que vem do desespero.

A luta em torno de Dubrovka foi particularmente feroz, com a localidade se constituindo em verdadeira terra de ninguém durante dias. Somente na noite do dia 9 é que elementos da 19ª Panzer finalmente contataram elementos da Grossdeutschland e formaram uma linha contínua a oeste de Dubrovka, que só cairia em poder dos alemães na manhã seguinte.

A 10/12/42, o 74º Regimento Panzergrenadier teve que ser retirado da batalha e enviado para o sul, onde a catástrofe de Stalingrado estava tomando forma. Os alemães fizeram uso de alto-falantes para anunciar aos soldados soviéticos que seus comandantes haviam fugido de avião e que eles haviam sido abandonados à própria sorte.

Em três dias de intensos combates, os alemães esmagaram as linhas soviéticas e causaram devastação nos flancos do saliente. Com isso, o grosso do 41º Exército acabou cercado a sudeste de Belyi. O glorioso avanço soviético havia se transformado numa ingloria armadilha. E o progresso soviético mais ao norte, no vale do Luchesa, não dava esperança alguma de socorro à força cercada.

Ao norte de Belyi, o General Iushkevich recebeu ordens de se manter na ofensiva, a despeito de suas perdas e da tenacidade da defesa alemã. O novo ataque teve início na aurora de 01/12/42 e se deu ao longo de uma frente de mais de 20 quilômetros. Ele empenhou suas últimas reservas (114ª Brigada de Fuzileiros e 39º Regimento de Tanques), além de transferir dois regimentos da 155ª Divisão, que estava no relativamente sossegado flanco esquerdo do Exército.

Após uma pesada preparação de artilharia, os atacantes avançaram, com o usual destemor, conquistando Travino e Gorovatka. O combate se deu sob insistentes nevascas e por caminhos cobertos de neve.

Logo desesperados pedidos de socorro chegaram aos QGs do 23º Corpo e do 41º Corpo Panzer, mas não havia mais nenhuma reserva significativa disponível. Hilpert despachou um desfalcadíssimo batalhão de infantaria do 473º Regimento¹³ (253ª Divisão) e uma mísera companhia do 4º Regimento de Defesa Aérea. Harpe, por sua vez, enviou o batalhão de canhões de assalto da Grossdeutschland.

A luta prosseguiu nos dias seguintes, com renovados ataques soviéticos. Grivo afinal caiu a 03/12/42 e os soviéticos estavam agora a menos de dois quilômetros de seu objetivo, a estrada Belyi-Olenino. A despeito de esforços extremos, as forças de Iushkevich não podiam ir muito mais longe. Tendo perdido cerca de 60% de seu potencial humano e mais do que isso em tanques, seu 22º Exército não tinha mais os meios para expandir a sua penetração. Agora, porém, elementos do 18º Regimento (6ª Divisão) e o 2º Batalhão de Motociclistas (2ª Divisão Panzer) estavam chegando à área e realizaram um contra-ataque a 06/12/42 que repeliu os soviéticos. Iushkevich não conseguiria alcançar a estrada e isto lhe custaria o comando. A 16/12/42, ele foi substituído pelo Major-General Dmitrii Mikhailovich Seleznev, até então subcomandante do 43º Exército.

À sua esquerda, o 39º Exército continuou pressionando na extremidade norte do saliente. Ele e o 30º Exército realizaram então uma série de ataques diversivos e preparatórios. A 04/12/42, o tempo permitiu a intervenção da Luftwaffe, que infernizou a vida dos atacantes. As 87ª e 251ª Divisões resistiram a esses ataques com poucas baixas e mantendo a maior parte do terreno.

Zhukov respondeu a essas péssimas notícias com sua costumeira obstinação. Negando-se a admitir a derrota, ele organizou uma maciça concentração de meios no setor do 20º Exército ao longo do rio Vazusa. Ele substituiu Kiriukhin pelo Tenente-General Mikhail Semenovitch Khozin, até então Subcomandante da Frente Ocidental. Entre os dias 2 e 10 de dezembro, ele reforçou o 20º Exército com o intacto 5º Corpo de Tanques (do Major-General Kuzma Aleksandrovitch Semenchenko) e várias divisões de infantaria transferidas do 31º Exército. Ele também reconstituiu o 6º Corpo de Tanques¹⁴ com blindados vindos da

reserva do Stavka e algumas divisões de fuzileiros usando, inclusive, batalhões penais. Ele reforçou ainda o adjacente 29º Exército, do General Zhuravlev, que recebeu mais duas divisões (19ª de Fuzileiros e 3ª Motorizada de Guardas) e quatro brigadas de tanques (20ª, 120ª, 161ª e 175ª). Zhukov ordenou aos 20º e 29º Exércitos que retomassem o ataque a 11/12/42, auxiliados por um novo ataque feito pelo 39º Exército.

As ordens dadas a Khozin eram notavelmente ambiciosas: ele deveria penetrar as defesas alemãs em Bol'shoe Kropotovo, tomar Sychevka o mais tardar no dia 15 e avançar para fazer contato com as forças cercadas a sudeste de Belyi no dia 20. Feito isso, ele deveria girar seu Exército para o norte e atacar as forças alemãs na região de Rzhev pela retaguarda. É evidente que tal plano era completamente fantasioso e só poderia se basear numa estimativa de que os alemães estavam completamente esgotados.



Tanque leve soviético T-60 com camuflagem de inverno. Ao lado dele, um sapador com minas.

Aos gritos de “Avante!” e “Pela Pátria!”, a infantaria dos 20º e 29º Exércitos, apoiada por todos os tanques disponíveis, partiu para o ataque às 10h00min. A despeito do obliterante fogo alemão, Konev engajou os 5º e 6º Corpos de Tanques, totalizando quase 350 Tanques e 20.000 homens. A ação havia sido organizada de forma tão apressada que muitos tanques não tinham sequer recebido a pintura de camuflagem branca.

Quatro divisões de fuzileiros atacaram uma frente de quatro quilômetros de extensão (30ª de Guardas, 415ª, 243ª e a reconstituída 247ª). A despeito do desassombro com que se lançou sobre o estreito setor de Bol'shoe Kropotovo-Zherebtsovo, a infantaria soviética foi detida em toda parte. Mal começou o ataque, a artilharia alemã abriu fogo sobre os atacantes, com efeitos devastadores. Uma testemunha declarou que os homens eram jogados para o alto como “brinquedos quebrados”. Em seguida, as brigadas do 5º Corpo de

¹³ Reduzido a 5 oficiais e 127 soldados.

¹⁴ Arman foi substituído no comando do Corpo pelo Coronel I. I. Iushchuk.

Tanques entraram na luta, talvez ignorando que as defesas antitanques alemãs haviam sido recentemente reforçadas. Eles literalmente começaram a abrir caminho através das defesas germânicas, chegando a atingir Maloye Kropotovo. Os assaltos dos blindados soviéticos provocaram furiosos contraataques alemães. Pequenas elevações no terreno mudaram de mãos várias vezes. Todo o campo de batalha ficou coberto com cadáveres, canhões destruídos e tanques em chamas. Os ganhos soviéticos variaram entre 500 e 1.000 metros, mas nenhuma vila fortificada caiu em poder dos atacantes. A 12/12/42, durante a luta em torno de Podosinovka, salvas de foguetes soviéticos destruíram nada menos que sete tanques... soviéticos! Cerca de 60 prisioneiros alemães, incluindo um oficial, foram simplesmente assassinados porque não havia como enviá-los para a retaguarda, devido ao pesado bombardeio.



Os temíveis “katyushas”, os lançadores múltiplos de foguetes que tinham efeitos devastadores. Os alemães os apelidaram de “órgãos de Stalin”, em alusão aos tubos de um órgão.

Ambos os lados sofreram pesadas perdas. Só o 20º Exército perdeu cerca de 300 tanques em apenas dois dias de atividade. Embora a carnificina fosse assustadora, Zhukov e Konev exigiam sempre mais de suas forças nos setores dos 20º e 29º Exércitos. Os assaltos continuaram por três dias antes de se esgotarem completamente a 15/12/42. Embora o ataque tivesse surpreendido os alemães, que já haviam dado a batalha por encerrada, não foi preciso sequer empenhar as reservas operacionais.

Por então, era óbvio para todos os envolvidos que toda a operação havia fracassado totalmente. Mas o pior viria a seguir.

Os cerca de 40.000 homens do 41º Exército cercados a sudeste de Belyi resistiram até o limite do humanamente possível. Sem qualquer apoio externo, com crescente escassez de praticamente tudo e sob constante pressão de nada menos que quatro divisões Panzers, o seu destino estava

selado. Zhukov, que afastou Tarasov e assumiu pessoalmente o comando do 41º Exército, autorizou Solomatin a tentar romper o cerco e se retirar. Ele realizou a sua última e desesperada tentativa na noite de 15-16/12/42. Ele reduziu seu perímetro de defesa, destruiu seus blindados e armas pesadas restantes e rumou para o oeste com os remanescentes de sua infantaria. Marchando com determinação, Solomatin conseguiu escapar com os sobreviventes do 1º Corpo Mecanizado e do 6º Corpo de Fuzileiros (incluindo seus feridos). O custo, no entanto, havia sido devastador: apenas a 1ª Divisão Panzer contabilizou pelo menos 102 blindados soviéticos destruídos e Solomatin reportou mais de 8.000 de seus 12.000 homens mortos e feridos e a maioria dos tanques de seu Corpo destruídos ou abandonados. As perdas globais do 41º Exército haviam superado os 200 tanques e chegou a dezenas de milhares de baixas.

Mesmo esses reveses catastróficos no rio Vazusa e em Belyi não esmoreceram a determinação de Zhukov. A despeito de ter frustradas as suas intenções nos flancos do saliente de Rzhev, Zhukov decidiu continuar com os ataques com os 30º e 39º Exércitos. A ofensiva seria na direção geral de Olenino, com o 39º Exército atacando o setor de Trushkovo, visando cercar as forças alemãs em Zaitsevo.

O assalto de Zygin começou no dia 07/12/42 e logrou conquistar algum terreno. Ao fim do dia, seus fuzileiros haviam alcançado Gonchuki, três quilômetros ao sul de Trushkovo. O ataque havia se dado na divisa entre as 14ª e 251ª Divisões e a linha alemã absorveu o golpe, mantendo-se intacta. Combates ferozes grassaram ao longo dos dias seguintes, sem mudanças apreciáveis no contorno da linha. No dia 11, Zygin reagrupou o que restava das 28ª e 81ª Brigadas de Tanques e lançou um assalto final a sudoeste de Gonchuki, avançando dois quilômetros. Animado com o sucesso, Zygin enviou duas divisões vindas do 30º Exército (16ª de Guardas e 220ª) com ordens de explorar a brecha.

Mas não havia brecha nenhuma. Na mesma noite, o onipresente 18º Regimento (6ª Divisão) chegou ao local e não apenas deteve a progressão soviética como agora ameaçava cortar a linha de comunicações de sua vanguarda.

Enquanto isso, o 30º Exército realizou uma série de assaltos contra as defesas alemãs em torno da cabeça de ponte do Volga, com o objetivo de alcançar a linha ferroviária em Chertolino e, por fim, libertar a própria Rzhev até o dia 23. Nada menos que três divisões de fuzileiros (220ª, 375ª e 380ª), uma brigada de esquiadores (59ª) e duas de tanques (10ª de Guardas e 196ª) realizaram trinta e sete ataques entre os dias 9 e 12, sem

qualquer sucesso e com pesadas baixas.

Zygin lançou sua renovada ofensiva ao meio dia de 13/12/42 com um bombardeio de artilharia que durou quatro horas. Quando os canhões silenciaram, as divisões 16ª de Guardas e 220ª partiram para o ataque, enquanto os blindados isolados na frente atacavam a retaguarda alemã. O confuso e selvagem combate grassou em toda parte por todo o dia. O 1º batalhão do 18º Regimento foi dividido ao meio, mas uma força de socorro, que incluía o 2º Batalhão de Motociclistas, chegou ao local e restabeleceu a situação.

Mais a oeste, a 158ª Divisão e a 101ª Brigada de Fuzileiros, apoiadas pela 46ª Brigada Mecanizada, atacaram continuamente as linhas alemãs na junção entre as 14ª e 206ª Divisões. Como de praxe, os ganhos foram míseros e as baixas, pesadas.

No leste, o 30º Exército uniu-se à ofensiva geral, agora apenas com duas divisões de fuzileiros (375ª e 380ª), apoiadas pela 49ª Brigada Mecanizada e algumas brigadas e regimentos independentes de tanques. O ataque atingiu as linhas da 87ª Divisão entre Koshkino e Burgovo. A despeito de uma ousada penetração feita pelos tanques, eles foram separados de sua infantaria de apoio pelo pesado fogo defensivo e os ataques mais uma vez não renderam nenhum dividendo.

Zygin renovou seus ataques no dia 14, agora tendo recebido o reforço dos 28º, 29º e 32º Regimentos de Tanques. Os soviéticos afinal conseguiram penetrar a linha alemã, o que atraiu ferozes contra-ataques de tudo o que os alemães tinham, incluindo uma companhia de tanques reduzida a quatro veículos. O ataque foi rechaçado e a linha restabelecida ao amanhecer do dia seguinte.

O novo fiasco não mudou a determinação de Zhukov de continuar atacando. A derrota dos 20º e 41º Exércitos havia sido tão completa que Zhukov precisava de uma vitóriazinha qualquer em algum lugar para poder livrar a sua cara. Portanto, Zygin e Kolpakchi tiveram que continuar com ataques cada vez mais sem sentido até o dia 17.

A despeito da absurda recusa de Zhukov em aceitar a realidade, por 15/12/42 não havia mais como negar que a Operação Marte estava liquidada. Stalin, o Stavka e talvez até mesmo Zhukov já deviam saber que estava tudo acabado. Muito antes disso, Stalin já havia abandonado qualquer esperança de lançar a Operação Júpiter. No início de dezembro, o 2º Corpo Mecanizado seguiu para Velikiye Luki, enquanto o grosso das reservas do Stavka estava já rumando para o sul para reforçar o sucesso de Vasilevsky em Stalingrado. O 3º Exército de Tanques começou a se deslocar para o sul a 22/12/42.

A ordem para encerrar a Operação Marte só veio

no dia 20, após uma conversa telefônica entre Zhukov e Stalin. Com exceção do saliente formado no vale do rio Luchesa e de alguns ganhos na região de Molodoi Tud, a Operação Marte chegava ao fim sem ter sequer causado alterações apreciáveis no contorno do bolsão de Rzhev.

Os alemães registraram um aumento no número de deserções (incluindo o Chefe do Estado-Maior da 20ª Divisão de Cavalaria) e prisioneiros de guerra declararam que suas baixas pesadas eram devidas a “novos métodos de ataque idiotas”. Um informe do 9º Exército alemão de 15/12/42 considerou que a ofensiva soviética havia sofrido uma pesada e sangrenta derrota. E acrescentou:

“A liderança inimiga, que demonstrou competência e adaptabilidade na preparação e implementação inicial da ofensiva, novamente apresentou sua velha fraqueza à medida que a batalha se desenrolava. De fato, o inimigo havia aprendido muito, mas ele estava novamente se mostrando incapaz de administrar situações iniciais desfavoráveis. O quadro se repete quando a operação, que começou com grandes expectativas e com sucessos locais, degenerou num combate sem sentido, em que o inimigo martelava com selvageria posições da linha de frente preparadas, sempre que eles encaravam pesadas perdas iniciais e situações imprevistas. Este fenômeno incompreensível aparece novamente e novamente. Mas, mesmo *in extremis*, o russo não é lógico: ele recua em seu instinto natural e a natureza do russo é a utilização de massa, táticas rolantes e a adesão a determinados objetivos sem ter em conta a mudança da situação.”

CONCLUSÃO

Zhukov baseou a sua estratégia em pressionar ao longo de toda a frente e realizar uma manobra simples com seus corpos mecanizados e de tanques. Nenhuma das duas coisas funcionou. A ofensiva foi conduzida contra posições fortificadas, em terreno pantanoso e de florestas, coberto de neve, e em condições climáticas extremamente desfavoráveis. Essas e outras condições favoreceram os defensores. Aos soviéticos faltou a necessária coordenação da infantaria com a artilharia e a aviação. A redução dos pontos fortes inimigos foi inadequada, especialmente quanto às suas armas antitanques. Isso levou as brigadas de tanques a sofrer baixas muito pesadas. As táticas defensivas alemãs, baseadas em grupos de combate pequenos, mas tenazes, explorando as peculiaridades do terreno, implantando obstáculos e contando com posições preparadas, engarrafaram as forças móveis soviéticas antes que elas atingissem as áreas de retaguarda alemãs.

No processo, os alemães infligiram o máximo de danos aos soviéticos ao separar a sua infantaria de seus blindados de apoio. Evitando o pânico e mantendo somente as posições necessárias, o comando alemão sistematicamente acumulou as reservas necessárias para o contra-ataque e assim alcançar a vitória. Não obstante, a vitória alemã não deixou de ser uma “vitória de Pirro”: apesar de infligir baixas catastróficas aos soviéticos, as divisões alemãs foram reduzidas a farrapos.

É difícil determinar as baixas de ambos os lados. As perdas estimadas das Frentes Ocidental e de Kalinin entre 25/11/42 e 14/12/42 variam entre 215.000 e 335.000, incluindo mortos, feridos e desaparecidos. Todas as unidades de combate soviéticas empenhadas no “moedor de carne de Rzhev” foram dizimadas. O 20º Exército perdeu 58.524 homens de seu efetivo original de 114.176. O 1º Corpo Mecanizado perdeu cerca de 8.100 de seus 12.000 homens e todos os seus 220 tanques. O 6º Corpo de Fuzileiros perdeu mais de 20.000 de seus 30.000 homens, enquanto o 8º Corpo de Fuzileiros de Guardas perdeu 6.058. Ao fim da operação, a 150ª Brigada de Fuzileiros tinha apenas 110 remanescentes de seu efetivo original de 4.500 homens. Mas as perdas mais impressionantes foram as da 148ª Brigada de Fuzileiros, que contava com apenas 47 homens saudáveis ao fim da batalha.



Tanques soviéticos destruídos numa área de bosque, característica da região da batalha.

As perdas soviéticas de tanques foram superiores a 1.600, um número ainda mais impressionante quando se pensa que é maior do que o total de blindados inicialmente empenhados na Operação Urano. O 6º Corpo de Tanques realizou a façanha de perder o dobro de seu efetivo original. Em apenas três dias de combates, o 5º Corpo de Tanques havia perdido a quase totalidade de seus blindados e a 5ª Brigada Motorizada contou mais de 1.500 mortos, ou seja, 70% de seu efetivo. Nos exércitos ocidentais, perdas desse porte

teriam resultado na demissão dos oficiais superiores ou até mesmo numa grave crise política.

Embora suas perdas nem de longe fossem tão pesadas, os alemães também sofreram muito com a batalha. A 1ª Divisão Panzer sofreu 1.793 baixas (incluindo 5 comandantes de batalhão e 23 de companhia), enquanto a 5ª Panzer lamentou 1.640. As divisões de infantaria que suportaram o ímpeto do assalto soviético (2ª da Luftwaffe, 78ª, 86ª, 102ª, 246ª e 253ª) sofreram igualmente perdas pesadas. O imbatível 18º Regimento perdeu 13 oficiais e 407 homens. Ao todo, as perdas alemãs montaram a 40.000 homens. Além disso, houve a perda de soldados experientes e equipamentos que seriam cada vez mais difíceis de substituir. E a catástrofe que estava ocorrendo no sul deixaria a situação dos alemães ainda pior. E muito.

Quais foram então os resultados da “Operação Marte”? Por um lado, a ofensiva soviética foi um fracasso total. Todos os ataques da Frente Ocidental foram repelidos, enquanto as tropas da Frente de Kalinin obtiveram um pequeno e fugaz sucesso – e tudo isso a um preço muito alto. Os soviéticos não chegaram nem perto de alcançar nenhum dos objetivos da operação. Por outro lado, embora a vitória alemã tenha sido por demais evidente, o fato é que para tanto foi necessário que empenhassem nada menos que cinco divisões Panzer e duas motorizadas, as quais certamente fizeram falta no sul. As baixas sofridas pelos alemães deixaram algumas divisões temporariamente incapacitadas: a 1ª Divisão Panzer foi enviada para a França para ser reconstituída; a 14ª Divisão foi retirada para ser convertida em divisão panzergrenadier (processo logo depois interrompido e ela foi recuperada como uma divisão comum); a 78ª Divisão foi retirada para ser convertida em divisão de assalto; outras divisões tiveram que ser retiradas para descanso e recuperação. Além disso, várias divisões alemãs foram fixadas no setor central do front, não podendo ser transferidas para o sul. Por fim, as facilidades de transporte no lado soviético eram melhores que no lado alemão, o que permitiu àqueles deslocar suas reservas para o sul em meados de dezembro, enquanto os germânicos só puderam fazê-lo em janeiro.

E o pior de tudo, foi uma vitória estrategicamente inútil. Logo após o término da batalha, Model e Kluge recomendaram que o saliente de Rzhev fosse abandonado para economizar forças e assumir uma linha mais curta e defensável. Previsivelmente, Hitler recusou. Porém, na primavera de 1943, em preparação para a Operação Cidadela, Hitler mostrou-se mais receptivo à ideia, em face da necessidade de concentrar o máximo de meios contra o Bolsão de Kursk.

Assim, pelo final de fevereiro, o 9º Exército recebeu ordens de abandonar o saliente de Rzhev. Model elaborou então um complexo plano de retirada, chamado de “Movimento Búfalo” (*Büffel Bewegung*), que foi brilhantemente executado entre os dias 1º e 22 de março de 1943. Ao fim da retirada, a frente alemã havia sido encurtada em cerca de 370 quilômetros e nada menos que 21 divisões haviam sido liberadas. Pouco mais de três meses depois do fim da terrível batalha, o território que havia custado centenas de milhares de vidas passava assim para o controle soviético sem se disparar um tiro.



Túmulos alemães na Rússia, 1942.

Zhukov conduziu a Operação Marte de modo bem característico. Os seus assaltos foram maciços e insistentes e sem qualquer escrúpulo com relação às baixas. A maneira com que a “Marte” foi executada e a carnificina produzida teve poucos paralelos nos anos posteriores da guerra. Na sua forma macabra, o que mais perto chega é o assalto frontal soviético nas alturas de Seelow, em abril de 1945. Não por acaso, este também foi orquestrado por Zhukov. A persistência em ataques que eram obviamente fadados ao fracasso tem poucos paralelos na História, como os ataques do General Nivelles, em 1917, que levaram aos motins do Exército francês. Mas essa palavra não existia no dicionário do Exército Vermelho. Com uma oficialidade que considerava as baixas como algo natural e que preconizava que grandes vitórias tinham que ter grandes baixas, não é nada surpreendente que para cada alemão morto no front russo houvesse de 8 a 10 soviéticos. O General Dwight D. Eisenhower, comandante supremo aliado no Teatro de Operações Europeu, travou frequentes contatos com militares soviéticos no imediato pós-guerra e fez interessantes comentários em suas memórias, como, por exemplo: “Até onde eu podia ver, Zhukov pouca importância dava aos métodos considerados por nós como vitalmente importantes para a manu-

tenção do moral nas tropas americanas: a sistemática rotação de unidades, facilidades para recreação, folgas e licenças curtas e, acima de tudo, o desenvolvimento de técnicas visando a evitar a exposição de homens a riscos desnecessários no campo de batalha, todas elas, embora fossem práticas comuns em nosso exército, pareciam ser, em grande parte, desconhecidas no deles”.

Eisenhower registrou ainda o seguinte diálogo, com “um general russo”. Comentando sobre a dificuldade que tivera em vários momentos do conflito em fornecer aos muitos prisioneiros de guerra alemães a mesma alimentação que era dada aos seus próprios soldados, Eisenhower observou o espanto de seu interlocutor, que perguntou:

— Por que vocês fazem isso?

— Bem, em primeiro lugar, meu país foi solicitado a assim o fazer pelos termos da Convenção de Genebra. Em segundo lugar, os alemães tinham alguns milhares de prisioneiros americanos e britânicos e eu não queria dar a Hitler a desculpa ou justificativa para tratar nossos prisioneiros com maior rudeza do que já o faziam.

— Mas qual o motivo de se importarem com os homens capturados pelos alemães? Eles já se haviam rendido e não podiam lutar mais!

Zhukov era um ótimo expoente dessa mentalidade. Ficarão para sempre na História suas frases lapidares, como, por exemplo, “soldados são esterco, as moças russas vão parir mais, enquanto o tanque custa dinheiro”. A Eisenhower, ele teria declarado que “se chegarmos a um campo minado, nossos ataques de infantaria serão exatamente como se ele não estivesse lá”.

E é ainda mais perturbador o fato de que ele se gabava dessa atitude perante os generais aliados. Eisenhower, em suas memórias, faz o seguinte comentário: “Eu tinha em mente um quadro expressivo do que aconteceria a qualquer comandante americano ou britânico se ele adotasse tal tática”. No Exército Vermelho, sabemos a resposta: seria agraciado com o título de Herói da União Soviética.

CONTROVÉRSIA

Em suas memórias, Zhukov fala muito superficialmente sobre essa batalha, chegando até a omitir o nome da operação – além de planeta, Marte também é o nome do deus da guerra romano e, portanto, não seria um grande devaneio supor que o nome “Marte” havia sido escolhido para aquela que deveria ser a mais importante de todas as operações. No entanto, Zhukov cita apenas os combates de dezembro e os classifica

como mera ação diversiva em apoio à Operação Urano.

Konev inicia suas memórias em 1943 – ou seja, após o fiasco da “Marte”. Em toda a historiografia militar soviética, pouquíssimas fontes mencionam essa batalha e mesmo assim não revelam sua verdadeira dimensão. Arquivos recentemente liberados cobrem a operação com mais detalhes, mas limitam-se a determinados setores. Consideradas separadamente, essas fontes confirmam que uma batalha realmente ocorreu, mas passariam a impressão de um esforço modesto, possivelmente de caráter diversivo.

No entanto, esta ideia é totalmente inaceitável por vários motivos: primeiro, porque a “Marte” começou a 25/11/42, ou seja, seis dias após o início da “Urano” e dois após o cerco do 6º Exército alemão em Stalingrado; e segundo, a ofensiva prosseguiu durante a primeira quinzena de dezembro, quando o seu fracasso era óbvio e a “Pequeno Saturno” e a “Wintergewitter”¹⁵ já haviam se iniciado, definindo o centro de gravidade do front oriental no sul.

Mas a ideia de ação diversiva é ridicularizada pela mera comparação de forças: enquanto a “Marte” contava com 1.890.000 homens, a “Urano” tinha 1.103.000; a primeira contava com 3.375 tanques, 24.000 canhões e morteiros e 1.100 aviões, enquanto a segunda tinha 1.463 tanques, 15.000 canhões e morteiros e mais de 900 aviões. Seria o único caso na História em que uma ação militar diversiva seria mais poderosa que o esforço principal.

No Don, foram empenhados seis exércitos (21º, 24º, 51º, 57º, 65º e 5º de Tanques), com nove corpos de forças móveis (1º, 4º, 13º, 16º e 26º de Tanques; 4º Mecanizado; 4º, 8º e 3º de Guardas de Cavalaria). Na batalha por Rzhev, foram engajados igualmente seis exércitos (20º, 22º, 29º, 31º, 39º e 41º), apoiados por seis corpos móveis (1º, 2º e 3º Mecanizados, 5º e 6º de Tanques e o 2º Corpo de Cavalaria de Guardas). Portanto, a quase paridade de efetivos (e a semelhante relação de forças com o inimigo) e o ambicioso objetivo estratégico fazem a Operação Marte ser considerada, pelo menos, tão importante quanto a “Urano”.

Curiosamente, nenhuma das fontes soviéticas existentes sobre o assunto busca responsabilidades sobre tamanho desastre. Uma explicação plausível é que o sucesso da “Urano-Saturno” tornou recomendável fazer parecer que “Marte” nada mais era que uma diversão e, portanto, não foi um fracasso, mas algo perfeitamente ajustado ao planejamento estratégico soviético. Portanto,

longe de ser culpado de uma catástrofe, Zhukov seria um vitorioso estrategista. Como todos os membros do Stavka participavam do planejamento de todas as operações e sendo Zhukov o Vice-Comandante Supremo, ele certamente esteve envolvido em ambos os trabalhos e, portanto, pôde receber seu quinhão de glória da vitória em Stalingrado. Stalin e a história vermelha determinaram que a vitória de Vasilevsky em Stalingrado devesse ser creditada também a Zhukov. Portanto, a reputação de Zhukov permaneceu intacta. Ele iria à forra contra os alemães em Kursk no verão de 1943 e na Bielorrússia no verão de 1944. Ironicamente, porém, coube a Vasilevsky a última grande vitória da guerra, na Manchúria, contra os japoneses, numa operação extraordinariamente bem planejada e executada¹⁶.

Outra hipótese brotou da revelação de um dos líderes do Serviço de Inteligência Soviética. Pavel A. Sudoplatov, em seu livro *“Spetsoperatsii Lubyanka i Kreml, 1930-1950”* (Operações Especiais Lubyanka e Kremlin, 1930 - 1950), revela que certo Tenente Aleksandr Petrovich Demyanov se fazia passar por um espião a serviço dos alemães sob o codinome “Marks”. No entanto, ele era um agente do NKVD alcunhado de “Heine” e passava para os alemães informações liberadas pelo Stavka. E entre essas informações estaria a própria “Marte”. No livro, ele diz que: “... Zhukov desconhecia esta operação e pagou caro por isso. Nesta ofensiva, milhares dos nossos soldados foram mortos. Em suas memórias, ele escreveu que o resultado desta operação tinha sido inaceitável. Mas ele nunca soube que os alemães haviam sido avisados sobre essa ofensiva e é por isso que eles concentraram tanta força lá...”.

Em outras palavras, “alguém” (que só podia ser Stalin) decidiu que a “Marte” seria diversiva e ninguém mais sabia disso. E, após o seu fracasso, declarar que ela era mesmo uma diversão salvaria as aparências e deixaria Zhukov não apenas livre de responsabilidades, mas, como o autêntico “otário” da estória. Por mais difícil que seja “engolir” essa versão, isso ajudaria a explicar, em parte, o fato da carreira de Zhukov ter sobrevivido incólume ao desastre de Rzhev.

Do lado alemão, também houve quem chegasse à conclusão de que a Operação Marte havia sido uma diversão. O Coronel-General Kurt von Tippelskirch – que então servia junto ao 8º Exército italiano no rio Don – escreveu que “com o propósito de confinar as forças alemãs em cada setor do front, prevenir um grande reforço em setores

16

http://www.clubesomnium.org/sitenovo/images/arquivos/militaria/batalhas/Ofensiva_na_Manchuria.pdf

¹⁵ “Operação Tempestade de Inverno”, a tentativa de resgate do 6º Exército alemão cercado em Stalingrado.

críticos e reforçar a posição dos soviéticos em locais adequados a futuras ofensivas no próximo inverno, os russos renovaram suas ofensivas no setor central. Seu esforço principal concentrou-se em Rzhev e Velikiye Luki. Portanto, nossas três divisões Panzers e várias divisões de infantaria – que estava planejado que seriam usadas no sul – tinham que ser mantidas para fechar brechas na front e para retomar territórios perdidos. Este era nosso único método para deter a ruptura inimiga”. Enfim, resta-nos a pergunta: a Operação Marte foi uma caríssima operação diversiva ou a maior derrota de Zhukov, considerado “o general soviético que nunca perdeu uma batalha”? E a resposta é: que importa? Para os homens de ambos os lados que perderam suas vidas em nome de um regime impessoal e cruel, isso não faz nenhuma diferença.

Na frente russa estavam em confronto dois sistemas que, ainda que antagônicos, tinham semelhanças inquestionáveis no que se refere ao valor da vida humana, ou seja, nada mais que um bem do Estado – disponível e consumível, sempre que conveniente.

O comunismo e o nazismo buscavam mudar a sociedade, agindo sobre os costumes, as regras morais e até mesmo quanto à consciência do bem e do mal. Ambos perverteram o princípio de realidade, procurando racionalizar o mundo numa espécie de reengenharia social, buscando chegar a um tipo de “Humanidade ideal”, ainda que ao preço da erradicação da que realmente existia.

Tanto o comunismo quanto o nazismo haviam transformado o ato de matar numa virtude. Ambos chegaram à conclusão inevitável de que a capacidade de matar, com eficiência, frieza, meticulosidade e até com sadismo, em nome de um ideal, eram necessários para a implantação de um mundo melhor – sob as óticas distorcidas de seus idealizadores. A única diferença facilmente perceptível está no “público-alvo” desse “mundo melhor”. Enquanto no nazismo o interesse estava em criar uma nação dominante essencialmente germânica, o comunismo prega a revolução mundial – o objetivo é levar o mundo todo para a sua esfera de influência. O comunismo e o nazismo assim convergem para a conclusão de que devem se livrar dos que se opõem, dos que não concordam, dos que não se adequam aos seus critérios. Dão-se assim o direito e mesmo o dever de matar e o fazem com métodos e numa escala até então desconhecidos na História.

Mas, com a vitória soviética em 1945, que decretou o fim do nazismo e a ascensão do comunismo, a consciência histórica aqui tomou dois rumos: enquanto o nazismo, apesar de tornado inócuo há mais de sessenta anos, ser, com toda razão, objeto de uma execução que não diminui

com o passar do tempo, o comunismo, por outro lado, parece se beneficiar de uma espécie de amnésia complacente. Nem mesmo a publicação do “Livro Negro do Comunismo”, em que é citado o número de 85 milhões de vítimas desse regime em todo o mundo (número esse nunca seriamente contestado e que supera o total de vítimas das duas guerras mundiais juntas), parece fazer nenhum de seus partidários sequer ruborizar. Conclui-se assim que, enquanto na memória histórica está estabelecida a condenação do nazismo, o mesmo não se dá com o regime vermelho, talvez até baseado no fato de que existem atualmente diversos Estados desse matiz e que condenar qualquer vertente do pensamento existente seja uma contradição da liberdade política preconizada no Ocidente.

No final das contas, temos que concordar com Alain Besançon¹⁷, quando ele diz que o comunismo e o nazismo são simplesmente “gêmeos heterozigotos”.

¹⁷ “A Infelicidade do Século”, Editora Bertrand Brasil, 2000.